Original

08 cop + me

Trans/Azd

VILA RICA CINEMATOGRÁFICA LTDA.



UM FILHO PARA A PRINCESA

PROJETO CINEMATOGRÁFICO
DE
GERALDO SANTOS PEREIRA

RIO DE JANEIRO
2001

SINOPSE

Quatro anos após seu casamento com Gastão de Orléans, Conde d'Eu, realizado em 1864, a filha de D. Pedro II, Princesa Isabel de Bragança e Bourbon, ainda sem filhos, foi examinada pelo médico N. Feijó no Palácio Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, onde residia.

Após minucioso exame o médico constatou que a herdeira do trono não sofria de infertilidade, mas era portadora de profunda anemia que a impedia de ter filhos, recomendando uma temporada na estância hidromineral de Caxambu, em Minas Gerais.

Em outubro de 1868, acompanhada pelo marido, o médico, alguns amigos da Corte, além da mucama Joaninha, a Princesa chegou a Caxambu, iniciando o tratamento hidroterápico com água mineral de alto teor ferruginoso.

Durante os trinta dias que passou em Caxambu, a Princesa repousou e, nos intervalos do tratamento no Parque das Águas, fez alguns passeios e, num deles, testemunhou o violento castigo aplicado por um fazendeiro em um de seus escravos. Isabel, indignada, aproximou-se do torturador e o impediu de continuar a chicotear o infeliz, criticando-lhe duramente o comportamento desumano.

Posteriormente, em passeio e pic-nic no Morro Caxambu, tomou conhecimento do histórico furto do marco divisório das capitanias de Minas e São Paulo, deslocado furtivamente pelos mineiros para distante ponto da Serra da Mantiqueira, com isso impedindo que quase todo o sul de Minas ficasse incorporado à Capitania de São Paulo. O fato divertiu a Princesa que, bem humorada, chamou os mineiros de "bons ladrões".

A temporada da Princesa em Caxambu culminou com ruidosa e bela festa do Congado do Bairro Caxambu Velho, organizada em homenagem àquela que, anos mais tarde, assinaria a Lei Áurea, libertando os escravos.

Retornando ao Rio. a Princesa engravida e tem o primeiro filho, Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará, e depois outros dois.

Certo dia, observando a mucama, que brincava com seu filho Pedro, Isabel percebeu que Joaninha estava grávida. Prometeu-lhe, comovida, que o filho, ao nascer, não seria escravo. E assinou, dias depois, a Lei do Ventre Livre.

UM FILHO PARA A PRINCESA

ARGUMENTO CINEMATOGRÁFICO
DE
GERALDO SANTOS PEREIRA

Seqüência 1

1. De um ponto elevado da Serra da Mantiqueira, câmera enquadra, em *Grande Plano Geral (GPG)* a rodovia BR 354, que liga Caxambu a Engenheiro Passos e esta cidade, pela Rodovia Presidente Dutra, ao Rio de Janeiro.

Pela estrada, bastante sinuosa, está vindo um carro de luxo, modelo 1988, trazendo, em seu interior, o Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança, bisneto da Princesa Isabel e Chefe da Casa Imperial do Brasil, acompanhado de seu irmão, Dom Bertrand de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial.

Os dois estão sentados no banco de trás. À frente, dirigindo o carro, um motorista uniformizado.

Câmera, em diferentes angulações, documenta o carro em seus deslocamentos pela rodovia que corta a paisagem do imponente maciço da Mantiqueira, até aproximar-se da cidade de Caxambu.

2. Instalada no interior do carro, câmera detalha os dois irmãos, ambos vestidos elegantemente, revelando a origem nobre e o apuro de seus gestos e comportamento. Um deles, o Príncipe Dom Bertrand, fuma cachimbo e, a certa altura, pergunta ao irmão, que aprecia a paisagem da serra:

- Vamos diretamente ao hotel, Luiz?

- Estou impaciente por conhecer a Fonte, Bertrand, - responde Dom Luiz. - Você está cansado? Quer repousar um pouco no hotel?

- Não. Não estou cansado. A viagem não é longa e a estrada está boa.

- Pois então vamos diretamente ao Parque.

Volta-se para o motorista e pergunta:

- Você conhece o caminho do Parque, Francisco?

- Conheço bem, Dom Luiz.

Seqüência 2

3. Em corte direto, câmera focaliza o carro que estaciona diante da porta

principal de entrada no Parque das Águas "Lisandro Carneiro Guimarães".

Dele saem os dois bisnetos da Princesa Isabel, logo reconhecidos por funcionários e veranistas que circulam pelo local.

O diretor do Parque é chamado e, com grande deferência, recebe os ilustres visitantes e os conduz à sede da empresa que administra as águas minerais da famosa estância.

Honrado com a presença dos dois membros da família imperial, o diretor fala muito, narrando a história da cidade, suas origens, tradições, etc.

A certa altura, mostrando erudição, informa:

- Aqui se encontra uma fonte com jato de água intermitente, ainda não captada e que possui grande quantidade de gás. A pressão do gás é tão alta que, em torno de três vezes ao dia, a fonte "explode", jorrando água mineral a uma altura de aproximadamente cinco metros do solo.

Depois acrescenta:

- Devido à circulação de águas de grande profundidade, aqui se encontram, caros príncipes, doze fontes de águas mineralizadas. Temos o orgulho de dizer que Caxambu é o maior potencial hidromineral do planeta, pois não existe em todo o mundo outra estância com doze fontes de água mineral com propriedades químicas diferentes, jorrando ininterruptamente.

E completa, orgulhosamente:

- Todo este manancial está concentrado em uma área de 210 mil metros quadrados no centro de Caxambu!

Impaciente com a loquacidade do diretor, o Príncipe Dom Luiz, a certa altura, delicadamente, o interrompe para perguntar:

- Meu irmão e eu, doutor Maurício, agradecemos muito a gentileza de seus esclarecimentos, mas gostaríamos, por gentileza, de conhecer a Fonte Dona Isabel e Conde d'Eu.

- Pois não, excelências, perfeitamente! Vou pessoalmente conduzi-los à Fonte, com grande prazer! - responde o diretor que, logo em seguida, acrescenta:

- Compreendo perfeitamente seu interesse em conhecer a Fonte que leva o nome ilustre de seus antepassados.

4. O grupo, agora acrescido de outras pessoas, funcionários e, principalmente, veranistas, informados da presença dos ilustres príncipes, aproxima-se da mais famosa Fonte do Parque das Águas, a "Dona Isabel e Conde D'Eu".

Lá chegando, o diretor do Parque, orgulhosamente informa, com certa solenidade:

- Esta, Altezas, é a "Fonte Dona Isabel e Conde d'Eu", cujas águas têm virtudes milagrosas.

Dom Luiz e Dom Bertrand descem lentamente os degraus da Fonte, parando, emocionados, diante da torneira por onde jorra a água mineral. Câmera, nesse ponto, os enquadra em *primeiro-plano.*

Enquanto isto, em off, o diretor continua a falar:

- Esta é uma das fontes mais preciosas do Parque, Altezas. É conduto de água mineral alcalino-gasosa e alcalino-terrosa. Altamente ferruginosa, indicada para a anemia. Aqui a Princesa Isabel, a Redentora...

Neste ponto, câmera faz *panorâmica* e, através de *"travelling-avante"*, enquadra o diretor em *primeiríssimo-plano*, enquanto suas palavras vão sendo distorcidas, ganhando eco e efeitos sonoros especiais.

Da mesma forma, as imagens, fixadas no interior da Fonte, vão sendo desfocadas, até escurecimento total, encerrando as seqüências iniciais do filme.

Seqüência 3

5. A nova seqüência será filmada no interior do Paço Isabel (o atual Palácio Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro), ou, eventualmente, em interiores do Museu Imperial e do chalé da Rua D. Afonso, residência da Princesa, na cidade de Petrópolis.

Câmera, em um desses locais com mobiliário e decoração que melhor reproduzem a casa e os cômodos onde residiam a Princesa e seu marido, o Conde d'Eu, focalizará inicialmente o quarto do casal, vendo-se Isabel, já deitada em bela e luxuosa cama, enquanto o marido, terminando de vestir-se, aproxima-se de Isabel.

Ambos exprimem uma indisfarçável melancolia. O conde senta-se no leito, toma a mão de Isabel e, carinhosamente, lhe fala:

- Você anda muito preocupada, Isabel. E triste.

- Ando sim, Gastão. Tenho rezado muito, pedindo a Deus que nos dê um filho. Converso muito sobre isto com meu pai. O Imperador se preocupa muito por não termos um herdeiro. Já se passaram quatro anos desde nosso casamento. O Imperador outro dia sugeriu que viajássemos à França para fazer exames.

- Aqui no Brasil há bons médicos, Isabel. Recomendaram-me muito elogiosamente um deles, doutor Feijó. Estudou na França e na Alemanha, e me disseram que é muito competente. Gostaria que a examinasse.

- Pois então marque uma data com ele, Gastão.

Gastão abraça a Princesa e a beija carinhosamente. Depois lhe fala:

- Tenho muita fé, Isabel. Estou certo de que vamos ter nossos filhos e você um sucessor. Deus vai ouvir nossas preces.

Seqüência 4

6. A nova seqüência inicia-se no interior da ante-sala do quarto da Princesa, e nela a objetiva da câmera fixa algumas personalidades do "entourage" da herdeira do tr... ...migos, o ...za



UM FILHO PARA A PRINCESA

PROJETO CINEMATOGRÁFICO
DE
GERALDO SANTOS PEREIRA

- Tenho muita fé, Isabel. Estou certo de que vamos ter nossos filhos e você um sucessor. Deus vai ouvir nossas preces.

Seqüência 4

6. A nova seqüência inicia-se no interior da ante-sala do quarto da Princesa, e nela a objetiva da câmera fixa algumas personalidades do "entourage" da herdeira do trono, inclusive o Conde d'Eu com seus amigos, o Conde e Condessa de Lages, o Conde de Aljezure outras figuras da nobreza imperial.

Em um canto, se encontra, mais afastada, perto de uma janela, a mucama e escrava Joaninha, serviçal devotadíssima à Princesa, atenta aos acontecimentos.

O ambiente é solene, meio tenso, com todos concentrando a atenção na porta que interliga a sala ao quarto da Princesa Imperial.

Câmera circula pelo ambiente e, a certa altura, enquadra a porta que se abre, surgindo o médico Dr. N. Feijó que caminha na direção do Conde d'Eu e, diante do silêncio generalizado, comunica com solenidade:

- Senhor Príncipe Dom Gastão: examinei detidamente a excelentíssima senhora e Princesa Imperial, Dona Isabel, sua excelentíssima esposa, e constatei que não sofre de infertilidade, mas de uma profunda anemia, que a impede de engravidar.

O Conde, com tristeza, mas demonstrando alívio, então pergunta, com o forte sotaque francês:

- Sim, caro doutor Feijó. O que o senhor então nos recomendaria?

O médico, guardando no bolso os óculos, emite solenemente seu parecer:

- Estive algum tempo atrás na estância hidromineral de Caxambu, em Minas Gerais, e constatei que lá se encontra uma excelente fonte de água ferruginosa, indicada para diferentes tipos de anemia, como a que, infelizmente, aflige nossa prezadíssima Princesa Imperial.

Depois de alguns instantes em silêncio, pensativo, o Conde finalmente decide:

- Pois então, prezado doutor Feijó, se esta é sua recomendação, iremos a Caxambu em busca da cura que tanto desejamos.

Depois acrescenta:

- Vou comunicar a Isabel seu diagnóstico. Acho que vai ficar feliz e concordar com a viagem.

Faz uma reverência aos presentes e se despede:

- Com licença, prezados amigos.

Aproxima-se da porta, que um empregado de libré abre respeitosamente, e entra no quarto. Depois a porta se fecha.

Seqüência 5

7. A nova seqüência volta a ser filmada no interior do quarto de Isabel e Conde d'Eu, onde se vê, ainda no leito, pálida e melancólica, a Princesa Imperial.

Vendo o Conde chegar, Isabel sorri e o acompanha com os olhos até aproximar-se do leito.

O Conde senta-se na cama, abaixa-se e beija o rosto da esposa. Depois lhe diz, afetuosamente:

- Querida Isabel. Nosso estimado doutor Feijó tranquilizou-me a respeito de seu estado de saúde. O exame que lhe fez constatou uma grande anemia que nos impede de ter filhos. Recomendou uma temporada na estância hidromineral de Caxambu, onde existe uma fonte de água ferruginosa, a mais indicada para seu caso.

Isabel responde com serenidade ao marido:

- Estou de acordo, Gastão. Se é para termos nossos filhos tão queridos, vamos a Caxambu. Peça, por favor, a meu pai, o Imperador, que venha me ver, assim que puder. Quero dar-lhe a boa notícia.

Antes que ele saia, também pede:

- Diga, por favor, à Joaninha para entrar.

O conde se abaixa, enlaça Isabel e a beija amorosamente nas mãos, no rosto e, finalmente, na boca. Depois se afasta.

Pouco depois, chega no quarto Joaninha, a mucama da Princesa, a quem ela diz, animadamente:

- Joaninha, o Gastão acaba de me dar uma boa notícia! Vamos viajar. Comece a preparar minhas coisas. E as suas também!

Na trilha sonora antecipa-se o som de uma composição de trem iniciando a viagem do Rio a Caxambu. Depois sobe música incidental

Seqüência 6

8. No mês de outubro de 1868, quatro anos após seu casamento com o Conde d'Eu, a Princesa Isabel partiu, em trem expresso, da Estação D. Pedro II, e desembarcou na estação da Boa Vista, de onde, em liteira, percorreu a Serra da Mantiqueira e chegou a Caxambu, hospedando-se no palacete de Carlos Theodoro Bustamante, amigo da família.

A nova seqüência documentará a viagem da Princesa, seu marido, Conde d'Eu, Joaninha e outras pessoas da comitiva, integrada pelo médico, doutor Feijó, o Conde e Condessa de Lages, o Conde Aljezur, alguns militares e criados, todos com sua vistosa indumentária de época.

De acordo com possibilidades e disponibilidades da produção, o trajeto poderá ser simplificado, utilizando-se um dos trechos ferroviários ainda existentes, como o trajeto Tiradentes-São João del Rei ou, o que nos parece de melhor efeito paisagístico e cinematográfico, a ferrovia de Paranaguá, no estado do Paraná, ou outro trecho ferroviário com locomotiva e vagões de época.

Com a estação férrea de Caxambu desativada, poderá ser usada, eventualmente, para desembarque, a estação de São João del Rei, completando-se a viagem, em liteiras e carruagens, pela Serra da Mantiqueira até a cidade de Caxambu.

Durante a viagem, por trem e por terra, surgirão os créditos iniciais do filme, o último dos quais surgirá durante a chegada da Princesa e sua comitiva a Caxambu.

Seqüência 7

9. Já em Caxambu, nova seqüência será filmada no interior de um quarto da casa que hospedou a Princesa, seu marido e seus acompanhantes.

Auxiliada pela mucama, Isabe, fatigada pela longa viagem, prepara-se para repousar.

Depois pede à escrava:

- Joaninha: diz ao Conde para vir descansar um pouco.

Joaninha fecha as janelas, escurece o quarto e depois se afasta.

Seqüência 8

10. A próxima seqüência constará de "flashes" documentando a chegada da Princesa e sua comitiva ao Parque das Águas. Cercada pelos amigos e uma pequena multidão que a aplaude por onde passa, a Princesa, muito paciente, vai beber, em copos especiais, a água ferruginosa da fonte que, posteriormente, ganharia seu nome e do Conde d'Eu.

Espalhados pelo Parque, dezenas de veranistas, homens, mulheres, muitos idosos e crianças circulam pelas alamedas e, nas diversas fontes, cumprem o ritual na temporada de tratamento, bebendo as águas minerais de diferentes propriedades terapêuticas: alcalino-bicarbonatada e férrea,

radioativa, supercarbônica e gasosa forte, alcalino-terrosa, cálcica e magnesiana, sulfurosa, etc.

Câmera passeia pelo Parque, fixando os que, como a Princesa, bebem água nas várias fontes minerais, buscando a cura para seus males. E vai mostrar, mais adiante, sentados em um banco e conversando, alguns veranistas de bom nível social. O enquadramento do grupo deixa ver, na fonte, ao fundo, a Princesa, o Conde e seus acompanhantes, bebendo a água ferruginosa.

O mais velho do grupo, um senhor com terno escuro e chapéu, observa atentamente o grupo imperial. Depois comenta:

- Estão casados há quatro anos e não conseguem ter filhos. Dizem que não é problema de infertilidade, e sim de grande anemia da Princesa. Um médico recomendou a temporada em Caxambu, bebendo a água indicada para o caso.

- Dom Pedro - diz agora uma senhora, quis casar Isabel com o Duque de Saxe, mas ela preferiu o Conde d'Eu. Não foi feliz na escolha...

- E isto pode atrapalhar a sucessão... - intervém, pessimista, o veranista mais jovem. - Quem irá ocupar o trono se a Princesa não tiver herdeiro?

- O Conde d'Eu? - pergunta a senhora, meio assustada.

- Não! Isto é impossível, - opina o marido - pois pelo contrato antenupcial o Conde ganharia o título de Imperador se tivesse filho, mas sem ocupar nenhum cargo no governo.

- Parece que o conde não tem muita simpatia pelo Brasil, andam dizendo os positivistas e republicanos. Um senador afirmou outro dia que "a herdeira do trono é uma princesa fanática, casada com o neto de um rei destronado que não entende nada de política".

Câmera, em nova angulação, focaliza a Princesa, o Conde e seus acompanhantes deixando a fonte, caminhando pela alameda. Aproximam-se e passam diante do grupo maledicente. Vendo a comitiva imperial, o grupo se levanta, os homens retiram os chapéus e fazem respeitosos cumprimentos, respondidos pela Princesa com ligeiro e austero movimento de cabeça.

A Princesa, o Conde e seus acompanhantes continuam pela alemeda, na qual, mais adiante, brinca um grupo de crianças. Uma delas, de uns três de idade, de repente tropeça e cai perto da Princesa. Isabel aproxima-se e a levanta do chão. É uma criança linda, meio assustada com o tombo. A Princesa abaixa-se, limpa-lhe a roupa, faz um carinho, dizendo:

- Não foi nada, minha filha. Só um tombo. Vá brincar com seus amiguinhos.

A criança abraça e beija o rosto da Princesa. Depois sai correndo ao encontro da mãe, sentada num banco. Vendo a Princesa Imperial, a mãe se levanta, beija a filha e se abre num sorriso agradecido, dizendo:

- Muito obrigada, Alteza.

Isabel, sorrindo, responde com simpatia:

- Bom dia. A senhora tem uma filha encantadora.

E se afasta com a comitiva.

Seqüência 9

11. A nova seqüência documenta um passeio da herdeira do trono pelas imediações de Caxambu. A Princesa caminha vagarosamente por uma rua da cidade, protegida por um guarda-sol que Joaninha carrega. Mais adiante, conversando, seguem o Conde d'Eu, o médico, doutor Feijó, e outros membros da comitiva.

Mais adiante dobram uma esquina e, numa rua estreita, mais afastada, o grupo avista um escravo espancado violentamente por um homem branco e truculento.

A cena é chocante, atraindo a atenção da Princesa que se aproxima do espancador, ergue a mão e impede que desfeche nova chicotada no escravo. Depois, com um lenço, limpa o rosto ensanguentado do escravo, enquanto o espancador, dono do escravo, reconhecendo a Princesa, deixa cair o chicote, abaixa assustado os olhos e ouve a Princesa dizer, com indignação:

- O que o senhor faz é um ato desumano! Não é assim que se castiga uma pessoa!

O agressor cai de joelhos dizendo, assustado:

- Perdão, Alteza, perdão...

- Não tem perdão, senhor! O que o senhor faz é uma selvageria!

Depois Isabel recomeça o passeio, seguida pelos acompanhantes.

E ainda diz, mis adiante:

- Precisamos acabar com esta desumanidade! Isto é insuportável!

Seqüência 10

12. À noite, sentados no salão da casa em que se hospedam, a Princesa e membros da comitiva, conversam, servindo-se de bebidas e iguarias trazidas por serviçais.

- Não podemos mais conviver com esta escravidão odiosa de seres humanos - exclama a Princesa. - Lembro-me sempre do que meu pai, solidário com o parecer de Eusébio de Queirós, contrário ao tráfico de escravos, disse, aos 25 anos de idade: "Prefiro abdicar a manter-me à frente de um império repelido pela humanidade".

- A grande reação ao fim do tráfico e do próprio regime servil, prezada Princesa - interfere o Conde de Lages - continua sendo o temor da medida provocar um abalo profundo na agricultura, a atividade econômica mais importante do Império.

O Conde Aljezur então fala, pausadamente, com voz solene:

- Permitam-me, caros amigos, expressar minha opinião sobre tema tão relevante:

Todas as atenções se voltam para o Conde, que bebe um gole de vinho e depois emite sua opinião:

- Esta guerra incruenta contra Solano Lopez, precisa terminar. Além das milhares de mortes que já provocou, gera uma grande crise econômica e abala profundamente as finanças do Império. E este é exatamente o pretexto do Congresso para procrastinar o fim da escravatura.

A Princesa então intervém, com certa acritude:

–Nenhuma guerra pode servir de pretexto para prolongar esta repulsiva situação servil, Conde Alfezur Mesmo que ela abale as finanças, favoreça a República e divida os brasileiros, a abolição já se transformou em bandeira de honra que todos devemos empunhar.

Conde d'Eu, que se mantinha calado, emite vagarosamente sua opinião:

–Tomei conhecimento, recentemente, de uma estatística impressionante: de 1842 a 1850 chegaram ao Brasil mais de 300 mil escravos. A lei que aboliu o tráfico não extinguiu a escravidão. E isto deixa mal o Império, acabrunha o Imperador, envergonha os brasileiros.

Toma um gole de vinho e depois prossegue:

–A mensagem remetida ao Imperador pela Junta de Emancipação em França, integrada por notáveis personalidades, como o Duque de Broglie, Gaumont, Henri Moreau, entre outros, encarece a certa altura: "Vossa Majestade é poderoso no seu Império; uma vontade de Vossa Majestade pode produzir a liberdade de dois milhões de homens'.

Há um respeitoso silêncio na sala, permitindo que todos meditem sobre o que o Conde dissera.

Conde de Lajes, dirigindo-se diretamente ao marido de Isabel, então comenta:

–A guerra contra Lopez, além da situação econômica, é outro empecilho para a abolição. A prioridade agora é derrotar este ditador sanguinário.

–Vou pedir ao Imperador – intervém Conde d Eu – que me seja permitido partir para o "front" de batalha e terminar esta guerra absurda que traz tantos sacrifícios ao Brasil.

–Você conhece, Gastão, meu ponto de vista sobre isto – diz a Princesa.

E esclarece:

– Você é mais útil aqui na Corte do que nas trincheiras.

Conde se cala, apesar de discordar da Princesa. Isto se reflete na fisionomia fechada que não consegue esconder.

Isabel, fatigada, desejando retirar-se para seus aposentos,levanta-se, no que é acompanhada por todos. Antes de afastar-se, ainda diz:

– Tão importante como uma vitória na guerra é por fim à chaga social da escravidão.

Volta-se para o marido e completa:
- Vamos, Gastão. Estou um pouco fatigada.

Seqüência 11

13. Dias mais tarde a Princesa e seus acompanhantes fazem um passeio e pic-nic no Morro Caxambu, situado a 1.100 metros de altitude, de onde se tem uma magnífica vista da cidade e arredores.

O local é cheio de depressões, com características de uma cratera de vulcão extinto, avistando-se, ao norte, a cidade de Baependi.

Um historiador de Caxambu participa do passeio e, quando a comitiva alcança o topo do Morro, faz uma explanação histórica, ouvida atentamente pela Princesa Isabel:

- "Em 1674, Alteza, a Bandeira de Lourenço Castanho Taques saiu de Pinheiros, São Paulo, seguindo a trilha de Felix Jaques, rumo ao Vale do Rio Verde. Nas imediações do Morro Cachambum, próximo de Baependi, travou batalha e venceu os índios Cataguases, que habitavam a região.

- "Naquela época, Alteza, as Minas Gerais pertenciam à Capitania de São Paulo, divididas em 3 comarcas. Ficamos pertencendo à Comarca do Rio das Mortes, São João del Rei. No entanto, quando da divisa entre a comarca do Rio das Mortes e da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, o marco divisório foi colocado neste local, onde agora nos encontramos.

- "Mais tarde, com a criação da Capitania Independente de Minas Gerais, em 2 de dezembro de 1720, era natural que permanecessem os mesmos limites, cabendo à Capitania de São Paulo toda a área das bacias dos rios Grande, Verde e Sapucaí. Mas, segundo o historiador Hilton Federici, furtivamente os membros da Câmara de São João del Rei vieram até este Morro, onde agora nos encontramos, e mudaram a posição do marco divisório, levando-o para o alto da Serra da Mantiqueira. Graças a isto, toda esta vasta e rica região sul-mineira ficou incorporada a Minas Gerais".

A Princesa, muito atenta ao relato do historiador, comentou então, sorridente:

- Quer dizer que os mineiros desta região ficaram devendo a São João del Rei a permanência na Capitania das Minas Gerais?

- É verdade, Alteza - responde o historiador.

Rindo muito, o Conde d'Eu e todos os participantes do pic-nic, comemoram com um gole de vinho francês a esperteza dos sanjoanenses.

- Os paulistas chegaram a perdoar o furto do marco divisório? indagou, sorridente, o Conde d'Eu.

_Não sei perdoaram, ou não perdoaram. Na verdade, não chegaram a reagir, pois se o fizessem talvez eclodisse uma guerra. Uma guerra fraticida seria horrível.

_ Sem dúvida – intervém Conde d'Eu. Este deve Ter sido o furto mais honesto da História de Minas Gerais, e talvez de todoo Brasil.

_ Não houve o bom ladrão na história de Cristo? – pergunta o Conde Aljezur, divertido. Os mineiros, neste episódio, foram os *bons ladrões.* E estão perdoados.

_ Graças a Deus – acrescenta a Princesa.

_ Não fosse isso, - opina o historiador - todos desta região seriam paulistas.

_ E isto é tão grave assim? – pergunta a Princesa. Os paulistas não são os pais históricos dos mineiros? Não foram os primeiros a penetrar em seu território, descobrindo ouro, diamantes, fundando cidades?

_ E também matando índios, Isabel, muitos índios... – completou Conde d'Eu.

Seqüência 12

Encantada com a presença da Princesa Imperial em Caxambu, que era então distrito de Baependi, poucos quilômetros adiante, esta cidade decidiu homenageá-la com uma festa, para a qual foram convidadas as mais altas personalidades da região.

Além de baile, ponto alto das homenagens à Princesa, seu marido e comitiva, a festa constou de missa solene, banquete, visitas, Te Deum, o tradicional Beija Mãos e, finalmente, a recepção e baile no Paço da Câmara de Baependi.

O baile terá destaque especial no filme, e será reconstituído e rodado em um dos belos salões do Cassino de Lambari, decorado, evidentemente, com motivos de época, destacando-se o trono e um quadro retratando o Imperador Pedro II.

A nova seqüência terá como base a matéria publicada no jornal "O Patriota", de 27de julho de 1935, na qual teve grande destaque o principal idealizador e animador das comemorações da visita da Princesa Isabel a Baependi, sede do município, o Comendador José Pedro Américo de Mattos, figura de grande projeção política e social de toda a região do sul da Província, que representou, como deputado, na Constituinte.

O Comendador era mulato e, apesar de sua cultura e inteligência, era motivo de discriminação, principalmente das mulheres da alta sociedade de Baependi e Caxambu.

E era exatamente o Comendador José Pedro Américo de Mattos que hospedou em sua residência a Princesa Imperial e seu marido.

A reportagem do jornal "O Patriota" assim descreve o baile realizado em homenagem à herdeira presuntiva do trono imperial:

"Às 20 horas estava marcado o baile no Paço da Câmara e o povo muito antes se aglomerava na praça de Baependi. Palmas e vivas ecoaram pela cidade quando a Princesa, cercada por suas damas de honra, desceu da liteira e entrou no belo salão nobre no qual se erguia o trono entre graves cortinas de Damasco.

"A orquestra ensaiava os primeiros acordes, enquanto os pares aguardavam ansiosamente o início do baile.

"Ostentava a Princesa um amplo vestido rodado de fulgurante seda ouro velho, que aliava a perfeição do corte à extrema e elegantíssima simplicidade. Toda a beleza de seus 22 anos de idade ali resplandecia.

"Abrindo o baile, conforme o protocolo, Sua Alteza Imperial dançou com o presidente da Câmara, Felício de Oliveira Mafra.

"O Comendador Mattos apreciava o baile numa das poltronas do lado oposto ao trono, pois não ousava tirar nenhuma daquelas aristocráticas senhoras ali presentes. Não obstante a perspicácia da Princesa, que o observava de longe, não tardou a se fazer sentir.

"A um pedido da Princesa, a orquestra deu início à execução de uma valsa vienense. E naquele instante houve entre todos os presentes um movimento de espanto, quase de estupor.

"O Conde d'Eu, tomando a Princesa pela mão, como se fosse com ela dançar, levou-a ostensivamente, pelo meio do salã, até diante do Comendador mulato, e a entregou como par. Perturbou-se o Comendador ante tamanha e inesperada honra e todo o salão ficou atônito, observando a cena insólita.

"A Princesa sorria, adivinhando no enlevo a felicidade traída inconscientemente nos gestos do Comendador, que se levantara e, de posse de sua costumeira elegância, tomou a mão da Princesa e saiu pelo salão, rodopiando ao som da valsa.

"Dizem que jamais presenciaram em Baependi uma peça tão bem dançada por um par tão perfeito. Foi tal a estupefação que, durante todo o tempo em que dançaram, maravilhados todos se deixavam ficar, ante tão belo e inesperado espetáculo, imóveis, contemplando o par.

"Finda a valsa, e sob o pretexto de uma ligeira indisposição, a Princesa Isabel retirou-se do baile. Após a interrupção, causada pela retirada de Sua Alteza, recomeçaram as danças, valsas, mazurkas, schottiches e outras peças em moda na época. Daquele momento em diante todas as atenções se concentraram no Comendador. As respeitáveis damas, as fidalgas senhoritas a ele dirigiam insistentes olhares, que eram acintosos convites para dançar.

"Mas o Comendador, sereno, voltara a sentar-se na mesma poltrona, a olhar distraidamente através de um espelho, o movimento da rua. Naquele instante, uma elegantíssima e formosa dama dele se acercou, insinuando sentir imenso prazer em tê-lo como par. Mas o Comendador respondeu-lhe em magnífica desculpa que fez sucesso e esmagou para sempre os preconceitos reinantes:

_ "Não, minha senhora, muito obrigado, mas queira escusar-me, porque quem dançou com a Princesa Imperial com outra dama não pode dançar".

SEQÜÊNCIA 13

14. Em local aprazível, próximo da casa onde a Princesa está hospedada, os negros de Caxambu prestam uma homenagem à ilustre visitante.

Duas ou três dezenas de negros escravos exibem à comitiva imperial a Congada do Bairro Caxambu Velho, cantando a dançando com "ganzá" nas mãos, uma espécie de maracá indígena, cilindro de folha-de-flandres, fechado e com um cabo, contendo grãos ou seixos, que soam, agitando-se ao ritmo da dança.

A Princesa e sua comitiva estão colocados em uma das extremidades de um espaçoso quadrilátero, enquanto, pelos lados, uma multidão de moradores de Caxambu também assiste à exibição folclórica que parece agradar particularmente à Princesa, o Conde e seus acompanhantes.

Vestidos a caráter, os integrantes do grupo folclórico dançam e cantam na língua africana a coroação dos reis do Congo, as reminiscências de bailados guerreiros, representativos de lutas da Rainha de Angola, a famosa Rainha Ginga, falecida em 1663, valente defensora da autonomia do seu reinado contra os portugueses.

O mesmo historiador, visto na seqüência do passeio ao Morro do Caxambu, está sentado ao lado da Princesa Imperial e, erguendo um pouco a voz, diante da ruidosa festa popular, dá explicações sobre o que se passa.

- Estes folguedos, Alteza, - explica ele - nuca existiram na África. É trabalho da escravaria já nacional com material negro, tal como ocorre com a dança do fandango, na Espanha e Portugal.

Depois de pequeno intervalo, percebendo o interesse da Princesa por determinado detalhe da festa, o historiador continua:

- A coroação dos reis de Congo, denominação comum que abrangia sudaneses e bantus, já era realizado na igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Recife, em 1674, e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, aparecendo o rei e a rainha do congo com sua luxuosa indumentária.

Enquanto o historiador esclarece detalhes da festa, câmera detalha a coreografia e seus participantes, entregues, cada vez mais, ao entusiasmo que a dança e os cânticos vão provocando.

O historiador, a certa altura, informa:

- Os colonizadores portugueses, Alteza, prestigiavam e até estimulavam esta festa afro-brasileira, pois provocava entre os escravos quietação,disciplina e até júbilo, vendo seu rei e rainha coroados.

Quando, mais tarde, a festa se encerrou, a Princesa foi ruidosamente cercada pelos participantes, honrados com sua presença, ajoelhando-se e beijando-lhe as mãos imperiais.

Isabel, antes de retornar ao interior da casa, manda servir bebidas, doces e comestíveis aos participantes e moradores da cidade.

É, então, aplaudida entusiasticamente por todos que assistiram ao espetáculo folclórico, muito elogiado por todos.

Fazendo um gesto com a mão, a Princesa então pede silêncio e, com voz calma e feliz, anuncia:

- Meus queridos amigos de Caxambu. Estou regressando amanhã ao Rio de Janeiro, e quero dizer a todos que fiquei muito feliz nestas quatro semanas que passei nesta cidade tão hospitaleira, tão generosa e amável. Direi ao Imperador, que fui carinhosamente tratada aqui por vocês todos.

Interrompe por alguns segundos e, deixando que a emoção lhe tome a voz, completa:

- Fiz uma promessa nesta cidade: se Deus e Nossa Senhora me concederem a graça de ter filhos, mandarei construir aqui a Igreja Santa Isabel de Hungria, recordando sempre minha feliz estada nesta cidade.

Depois conclui, com os olhos marejados:

- Obrigada a todos. Viva o Imperador, meu Sereníssimo Pai, viva nosso amado Brasil, viva o povo brasileiro. Adeus, prezados filhos.

E lentamente, retira-se da festa, aplaudida pela multidão

Seqüência 13

15. De volta ao Rio de Janeiro, nova seqüência será filmada na residência da Princesa e o Conde d'Eu, mostrado o instante em que Isabel se certifica de que está grávida.

Dominada por enorme alegria, manda Joaninha chamar o marido, Conde d'Eu, e , quando ele chega, apressadamente, abraça-o, chorando, e lhe diz:

- Meu querido! Nosso filho vai nascer, Gastão! Vai nascer!

E, efetivamente, no ano de 1875, nasce o primeiro filho de Isabel e o Conde d'Eu, Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará.

16. Através de "flashes" filmados em salas, quartos e jardins da residência do casal, câmera documenta as comemorações pelo nascimento de Pedro de Alcântara, que ora se vê nos braços da Princesa, ora carregado pelo Conde e até por Joaninha.

Certa manhã, vendo Joaninha brincando com a criança num recando do jardim, Isabel, com um livro nas mãos, interrompe a leitura, ergue os olhos e observa atentamente a escrava. Depois a chama:

- Joaninha, venha aqui.

Joaninha, com Pedro de Alcântara no colo, aproxima-se da Princesa que observa detidamente o corpo da escrava. Meio intrigada, então pergunta:

- Joaninha, tenho observado que você está um pouco gordinha. Diga-me, mocinha: você espera filho?

Joaninha encabulada, baixa os olhos e nada responde.

Mas Isabel insiste:

- Responda-me: está ou não está grávida?
- Estou, Alteza, estou...
- Bem que eu desconfiava... E quem é o pai?
- O Miguel...
- Miguel? Que Miguel?...
- O cocheiro...
- O cocheiro?... Aquele negrinho meio serelepe?
- Ele mesmo...

Depois, muito constrangida, pergunta:

- A senhora está zangada comigo? Vai me mandar embora?
- Mandar embora, Joaninha? Mandar embora porque vai ter um filho? Venha cá, sua boba... Acha que vou castigar alguem que vai ter filho?

Faz um carinho na mão da escrava e pergunta:

- E é para quando?

- Para julho, Alteza...

- Tome todo cuidado, Joaninha, tome todo cuidado para não perder o filho...

Volta a ler o livro, enquanto Joaninha brinca com o príncipe.

Depois de alguns instantes, Isabel interrompe a leitura e diz à escrava:

- Joaninha, volte aqui.

A mucama se aproxima. A Princesa toma-lhe a mão e lhe fala, fitando-a com ternura:

- Vou lhe prometer uma coisa, Joaninha. Seu filho, quando nascer, não vai ser escravo. Vai ser livre como é livre meu filho Pedro.

Seqüência 14

17. Poucos dias depois do nascimento do filho de Joaninha realiza-se uma cerimônia histórica em um grande salão do Palácio Guanabara, ou, eventualmente, no Museu Imperial de Petrópolis.

Com a viagem do Imperador à Europa, a Princesa Isabel assumiu a Regência do Império e, no dia 28 de setembro de 1871, diante de todo o ministério presidido pelo Visconde do Rio Branco, Isabel, com o filho Pedro de Alcâncara no colo, prepara-se para sancionar a histórica Lei do Ventre Livre.

Antes de fazê-lo, entrega o filho à mucama Joaninha, radiante de alegria e felicidade, apanha a caneta e apõe sua assinatura na lei que libertou todos os filhos de escravos.

É um instante de intensa emoção. Joaninha chora e, fora do palácio, choram e aplaudem centenas de escravos e escravas, ovacionando a Princesa Benfeitora.

Seqüência 15

18. A última seqüência do filme será ainda filmada no Parque das Águas, em Caxambu, e no interior da Fonte Princesa Isabel e Conde d'Eu, focalizando os Príncipes Dom Luiz de Orleans e Bragança e seu irmão Dom Bertrand de Orleans e Bragança, vistos na seqüência inicial.

Os dois bisnetos da Princesa Isabel contemplam a torneira por onde jorra a água mais famosa do Parque das Águas.

Câmera enquadra os dois bisnetos da Princesa em primeiro-plano, no instante em que o Príncipe D. Luiz, voltando-se para o irmão, diz, com voz comovida:

- "Aqui começamos a nascer".

Depois câmera avança em *travelling* e vai focalizar, agora em *primeiríssimo-plano,* a torneira por onde jorra a água que curou a anemia da Princesa e lhe deu os três filhos: Pedro de Alcântara, Luiz e Antônio.

Sobre a água jorrando ininterruptamente, sobe o rotativo final.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2001.

Geraldo Santos Pereira

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional com o título "Fonte de Vida")

BIBLIOGRAFIA

SIMONE CAMINHA DE FIGUEIREDO - "CAXAMBU, CIDADE DAS ÁGUAS';

OLIVEIRA LIMA - "O IMPÉRIO BRASILEIRO'";

JOÃO RIBEIRO - "HISTÓRIA DO BRASIL";

GILBERTO FREYRE - "ORDEM E PROGRESSO";

R. MAGALHÃES JUNIOR - "D. PEDRO II E A CONDESSA DE BARRAL";

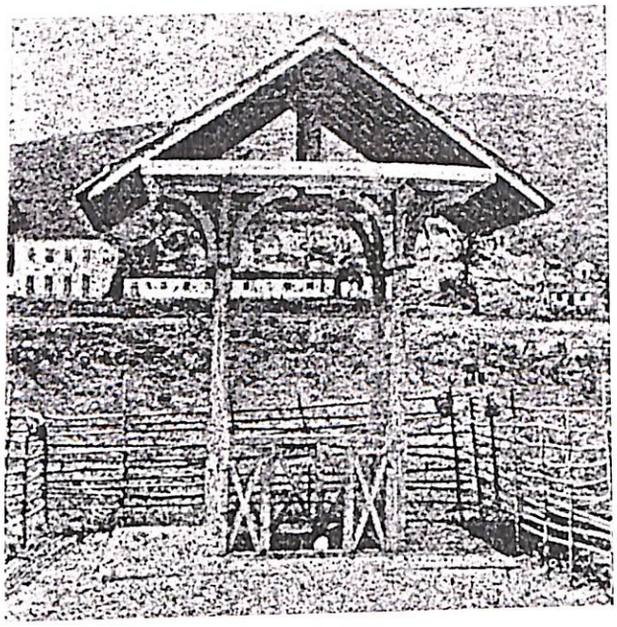
LUIZ EDMUNDO: "RECORDAÇÕES DO RIO ANTIGO";

LEOPOLDO BIBIANO XAVER: "REVIVENDO O BRASIL-IMPÉRIO"

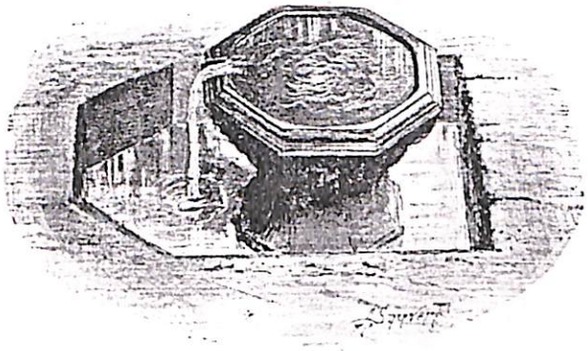
PRINCESA ISABEL

1846 - 1921





Chalet da Fonte D. Isabel

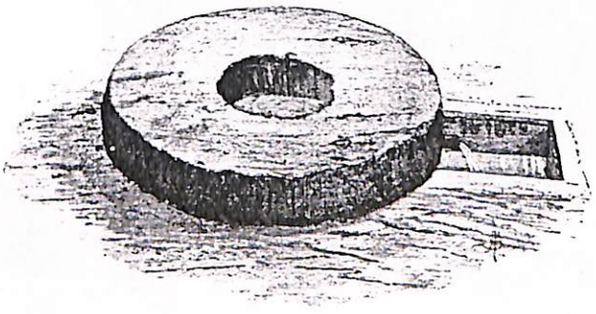


Fonte D. Isabel

A fonte **Conde d'Eu**, dentro de um quiosque em forma de torre baixa, de tijolos, a água corre, por uma bica, de uma massa enorme de alvenaria, de forma circular, sem elegância nenhuma.



Chalet da Fonte Conde D'Eu



Fonte Conde D'Eu







ISABEL, PEDRO II, TEODOLINDA E TERESA CRISTINA. LITOGRAFIA DE GISSON SEGUNDO FOTO DE VICTOR FROND



CONDE D EU FOTO MUSEU IMPERIAL PETROPOLIS RJ

O Rio de Janeiro engalanou-se para o casamento da herdeira do trono brasileiro com o descendente de Luís Filipe. No quadro, à direita, Dom Pedro II, Dona Teresa Cristina e a Princesa Leopoldina, filha mais môça.



CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL. ÓLEO DE PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO E MELO. PALACIO GRÃO-PARÁ. PETROPOLIS. RJ



D. Isabel, quando regente do trono, em companhia do Conde d'Eu.





PRINCESA ISABEL EM TRAJES DE PASSEIO. OLEO DE CARNEIRO E GASPAR DE COURTOIS. PALÁCIO GRÃO PARÁ. PETRÓPOLIS. RJ.



ORÇAMENTO

1.	**PREPARAÇÃO**	
	Pesquisas e Roteiro Técnico	50.000,00
	Viagens e Pesquisas de Locação	15.000,00
2.	**EQUIPAMENTO TÉCNICO**	
	Câmera digital e "video-assiste"	40.000,00
3.	**EQUIPAMENTO DE ILUMINAÇÃO**	
	Refletores, lâmpadas, etc.	15.000,00
4.	**EQUIPAMENTO DE MAQUINÁRIA**.....	20.000,00
5.	**MATERIAL SENSÍVEL**	5.000,00
6.	**FILMAGEM**	
	Hospedagem, Alimentação, Transporte	60.000,00
7.	**DIREÇÃO**	50.000,00
8.	**PRODUÇÃO**	40.000,00
9.	**EQUIPE TÉCNICA**	70.000,00
10.	**ELENCO E FIGURAÇÃO**	100.000,00
11.	**EDIÇÃO EM AVID**	20.000,00
12.	**EQUIPE DE MONTAGEM E EDIÇÃO DE SOM** .	50.000,00
13.	**FIGURINOS E DECORAÇÃO**	80.000,00
14.	**VEÍCULOS E GERADOR**	10.000,00
15.	**MÚSICA E GRAVAÇÃO**	60.000,00

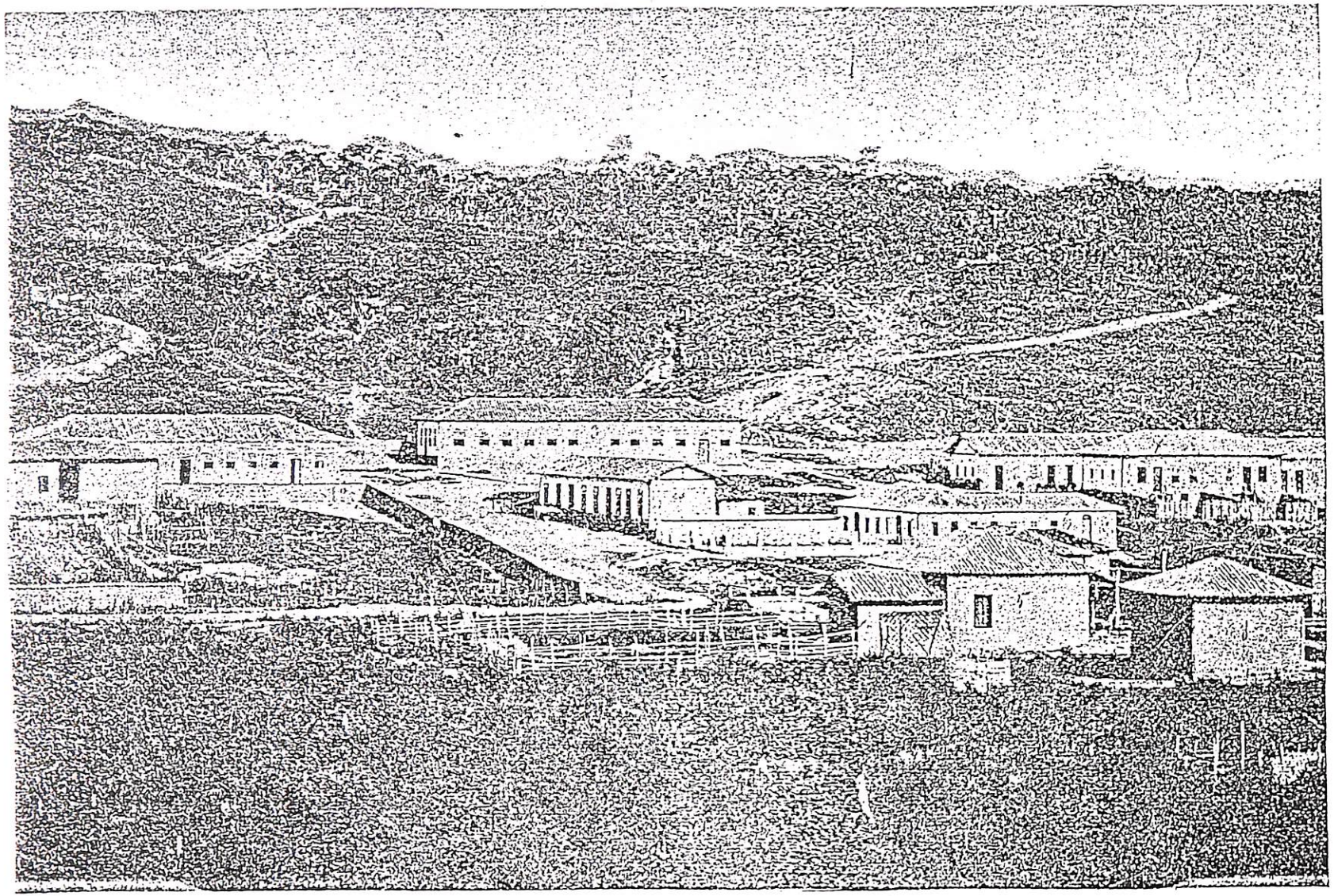
16.	**KINESCOPIA**	R$ 50.000,00
17.	**DESPESAS LEGAIS**	20.000,00
18.	**DESPESAS DE LABORATÓRIO**	30.000,00
	T O T A L G E R A L	**R$ 785.000,00**

(Setecentos e oitenta e cinco reais)

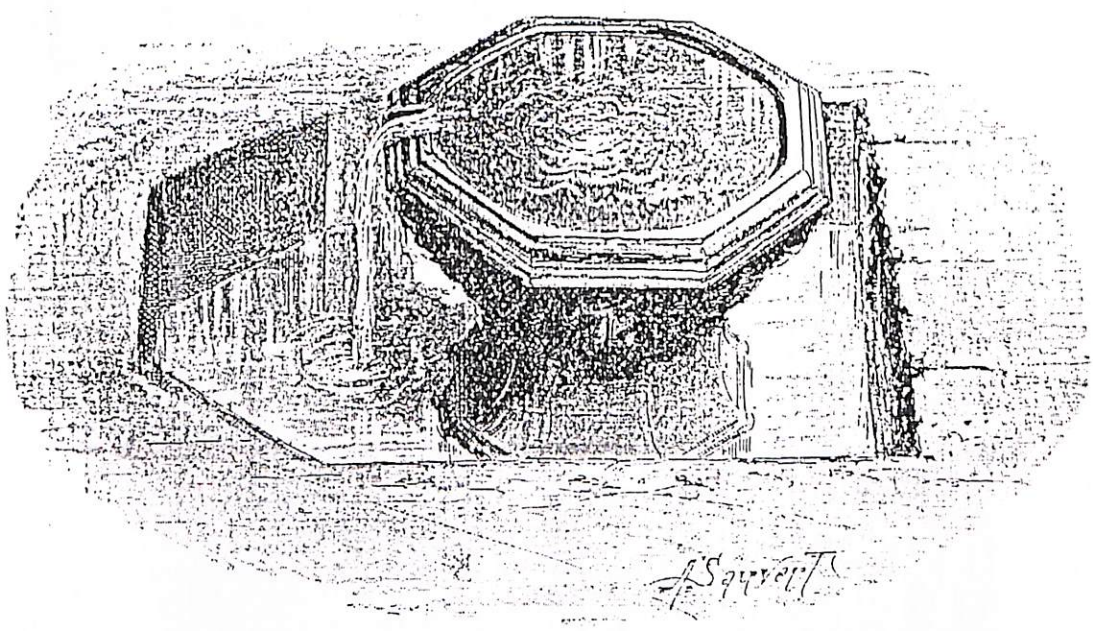
Belo Horizonte, 30 de agosto de 2001

Geraldo Santos Pereira.

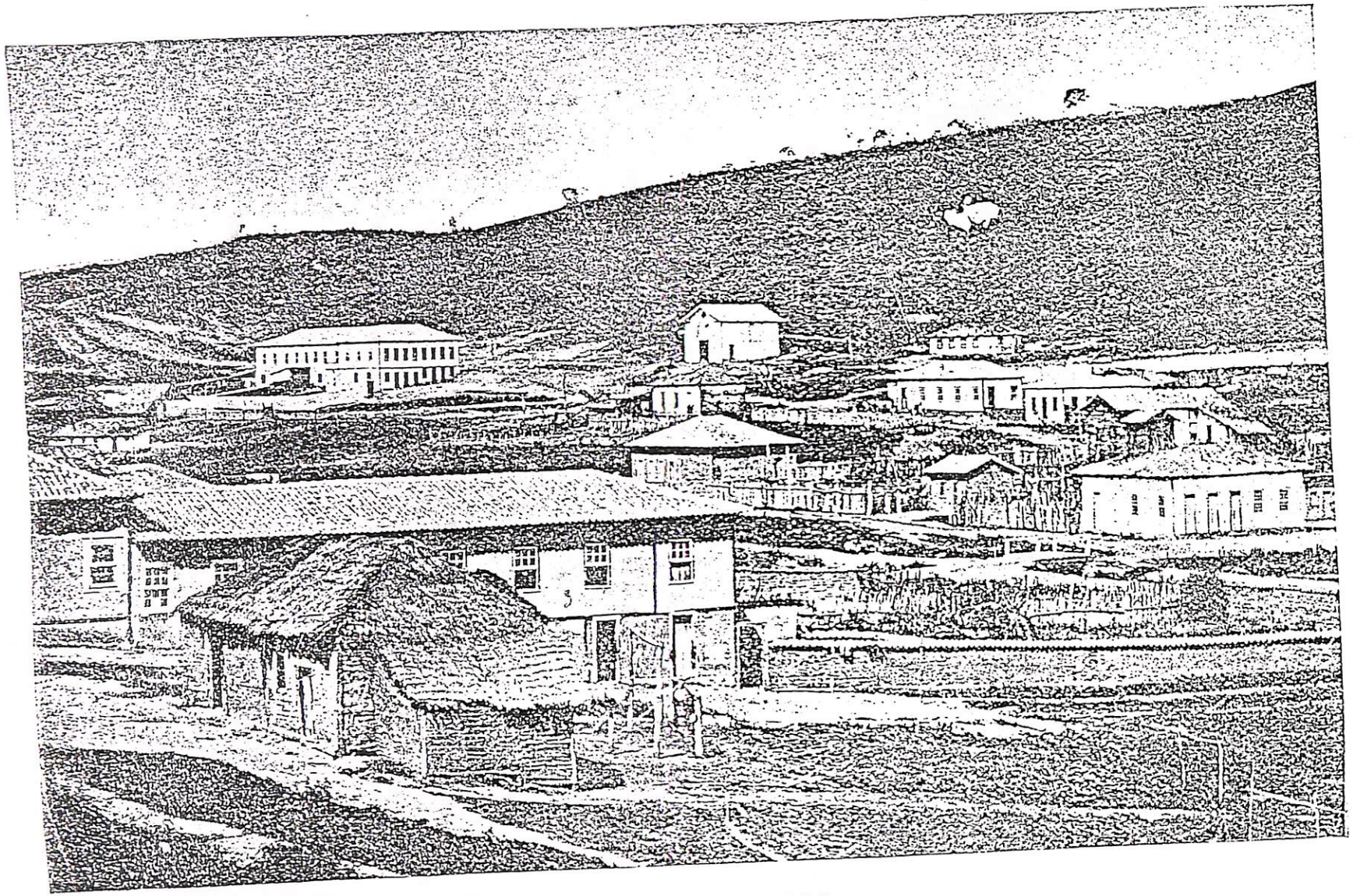
Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado
Cep 30410-130
Tel. (31) 3371-4604 - Celular: 9974-61081



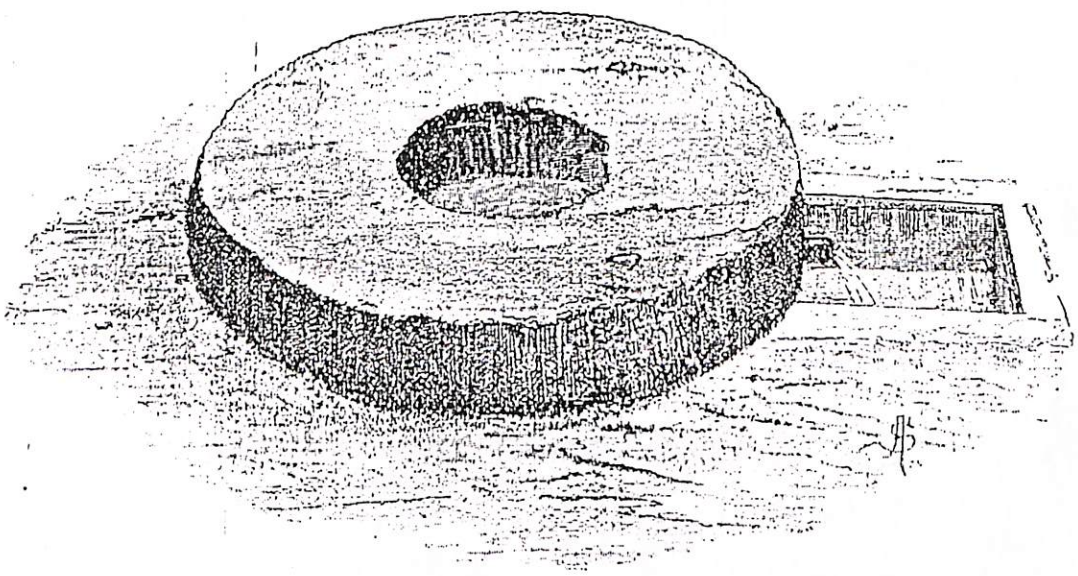
Caxambú_em 1868



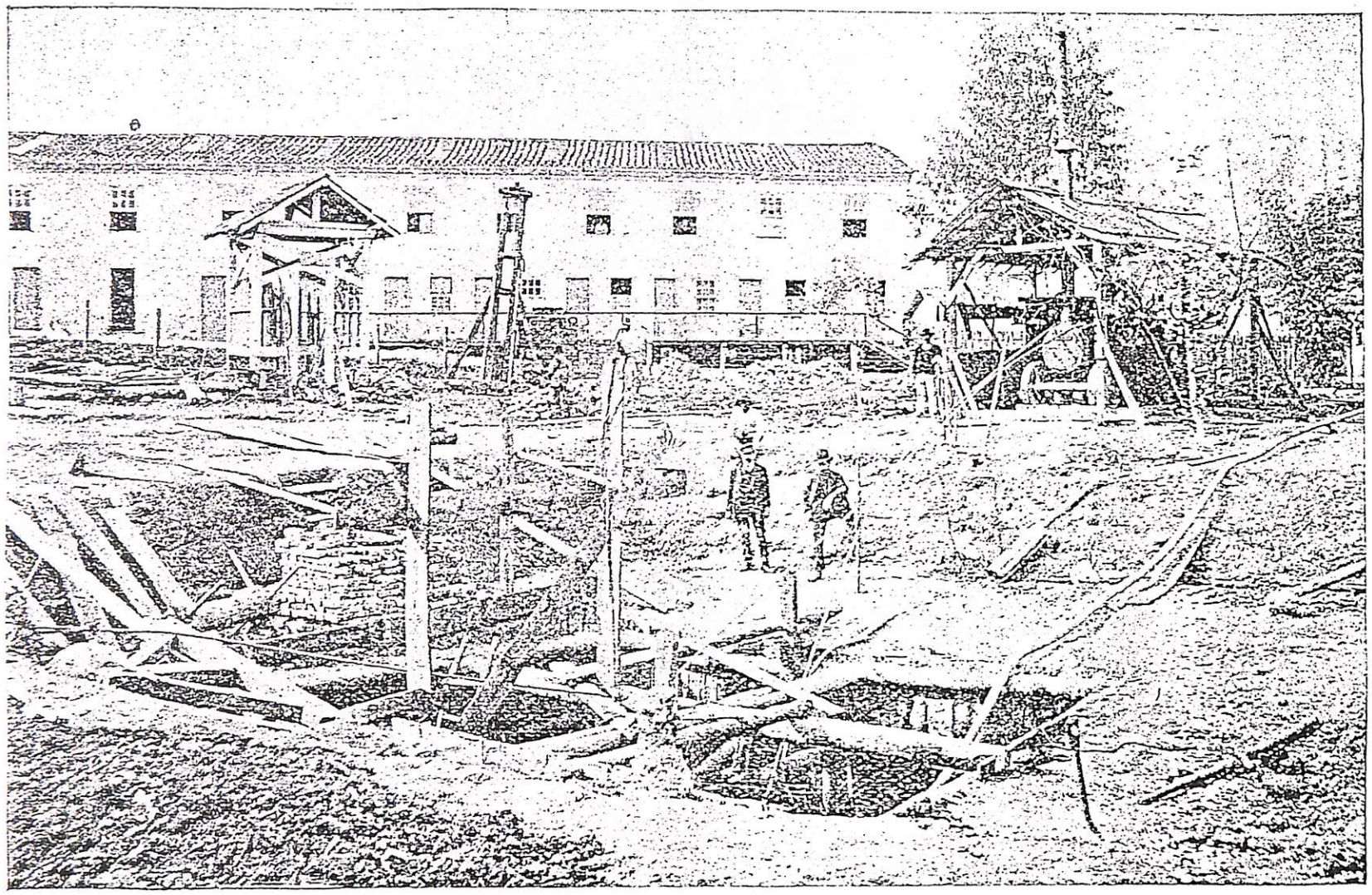
Fonte D. Isabel



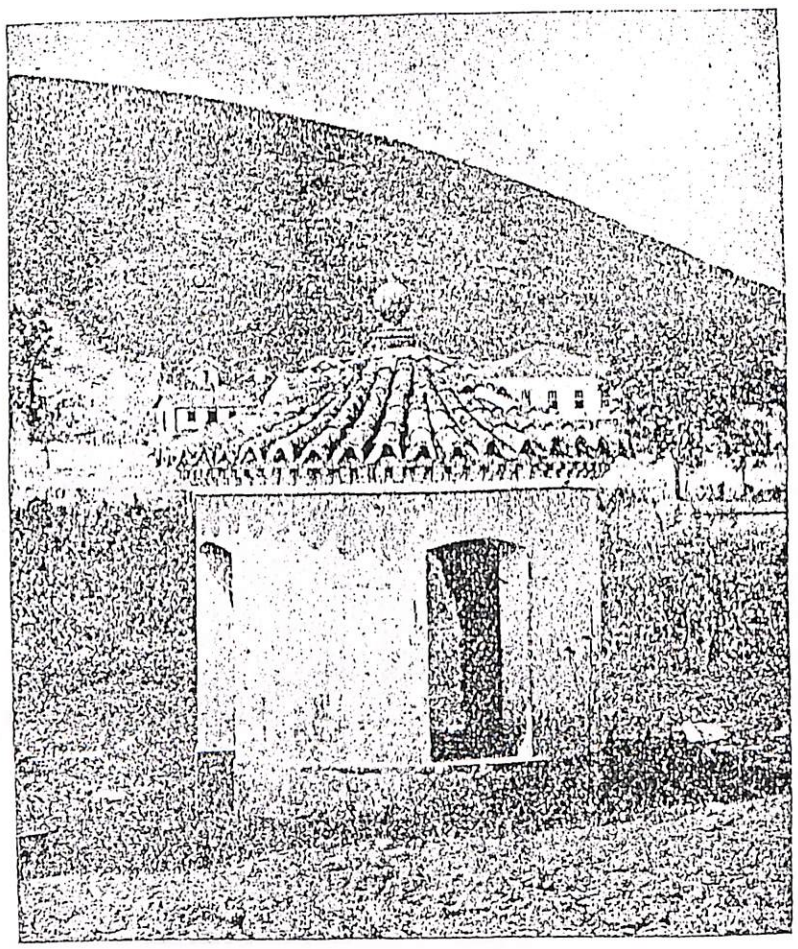
Caxambú em 1868



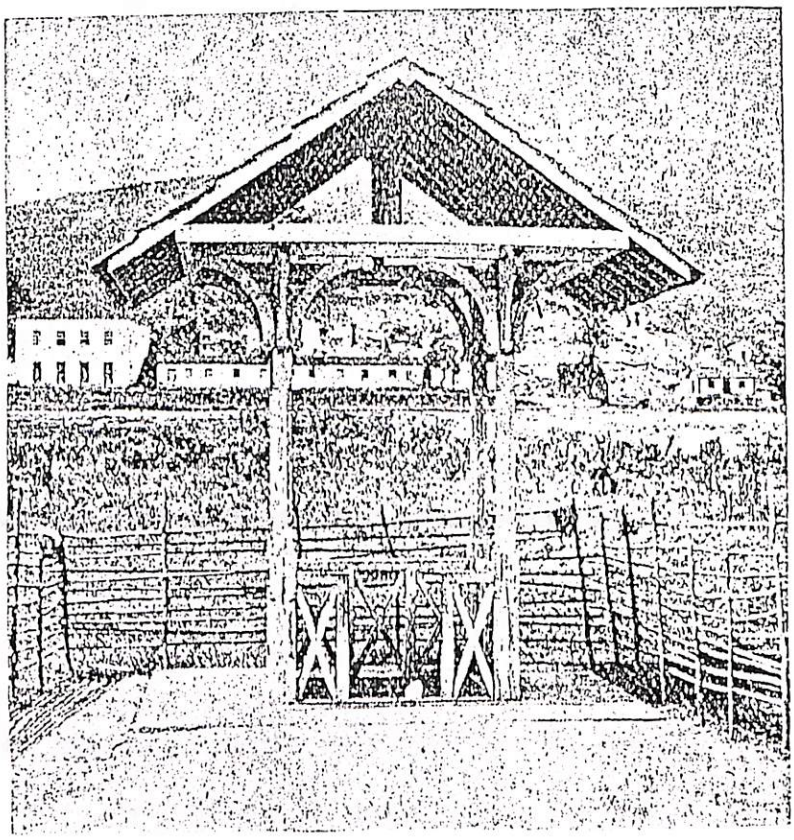
Fonte Conde d'Eu



Captação da fonte Duque de Saxe



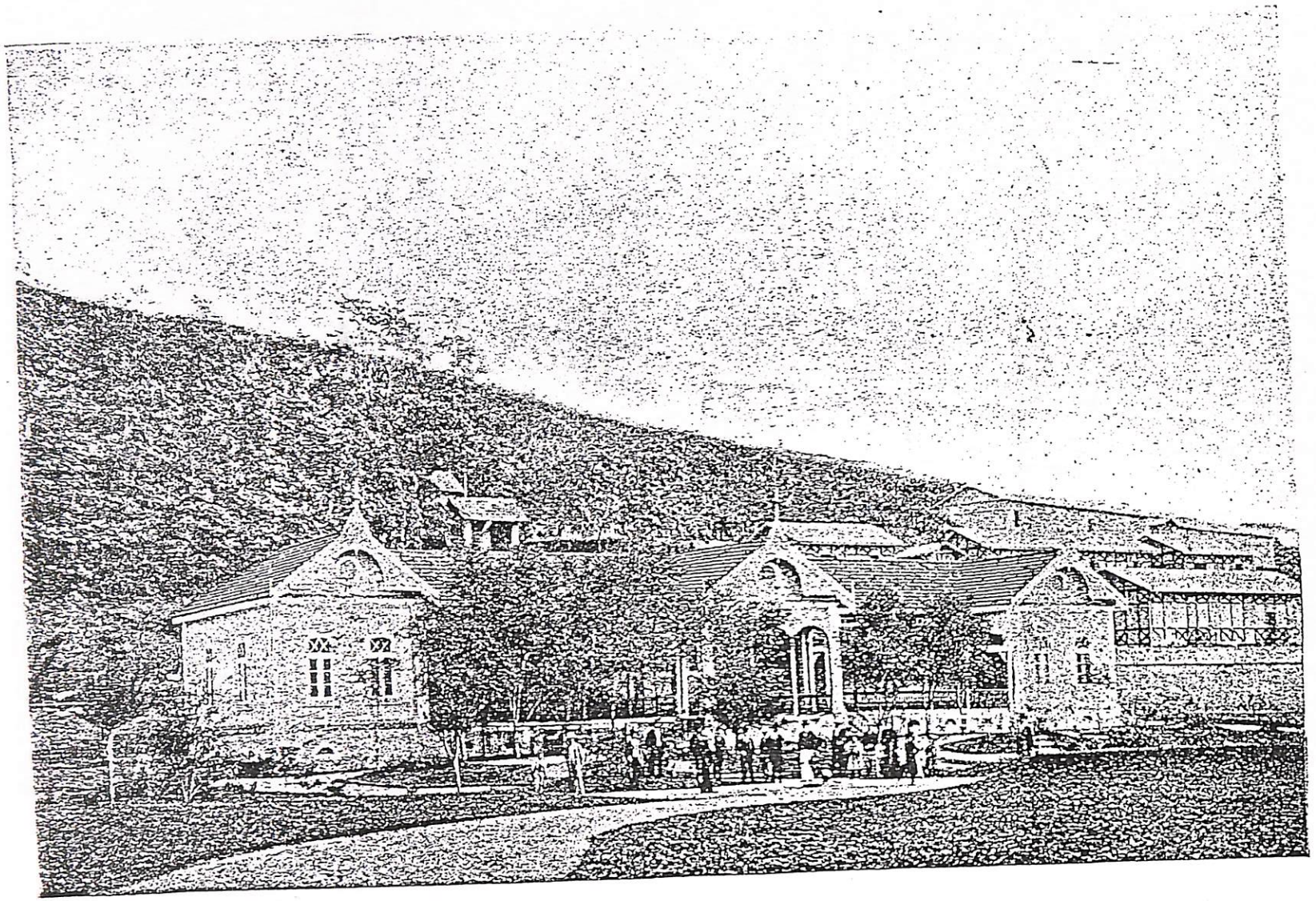
Chalet da fonte Conde d'Eu



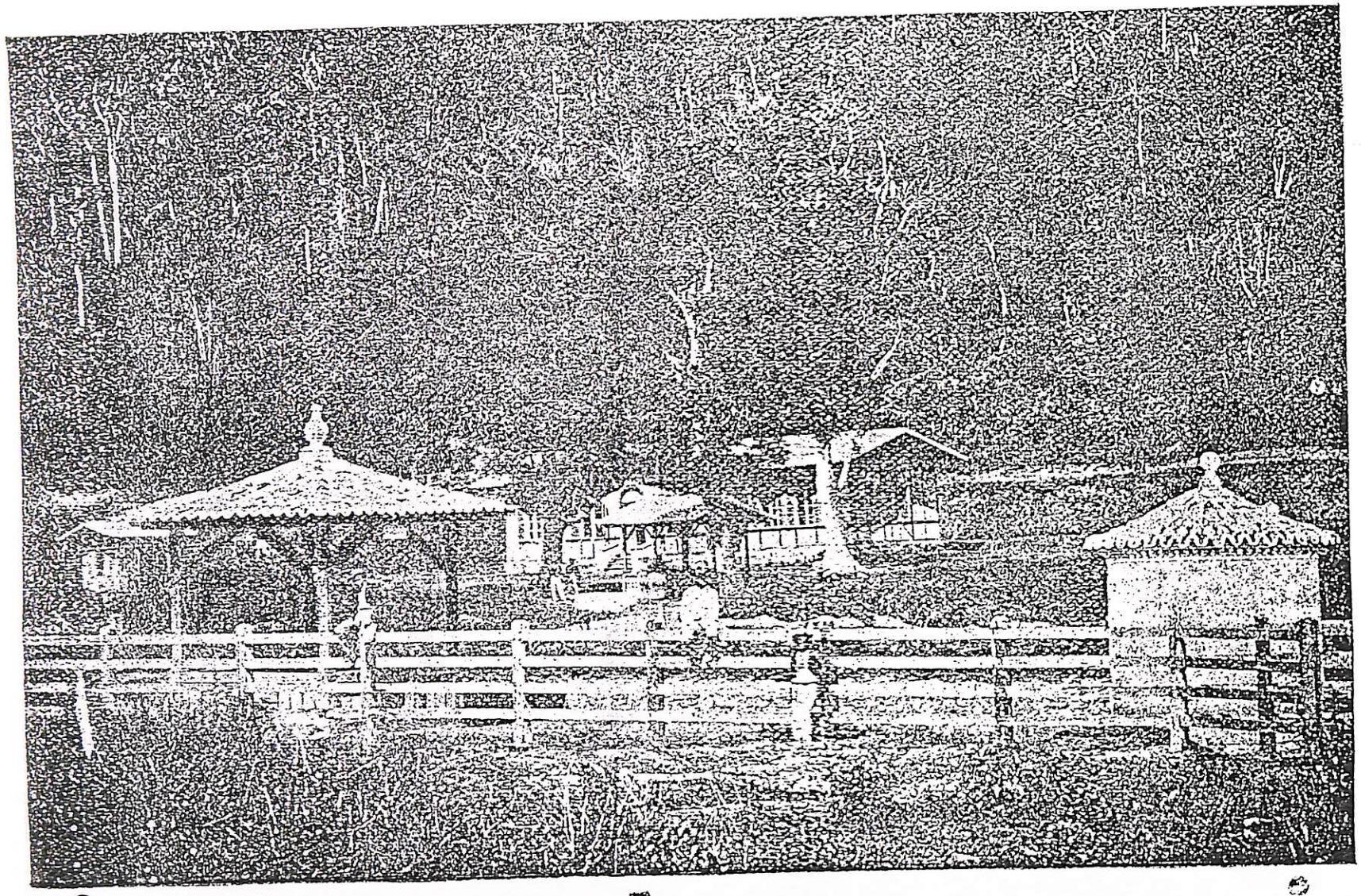
Chalet da fonte D. Isabel



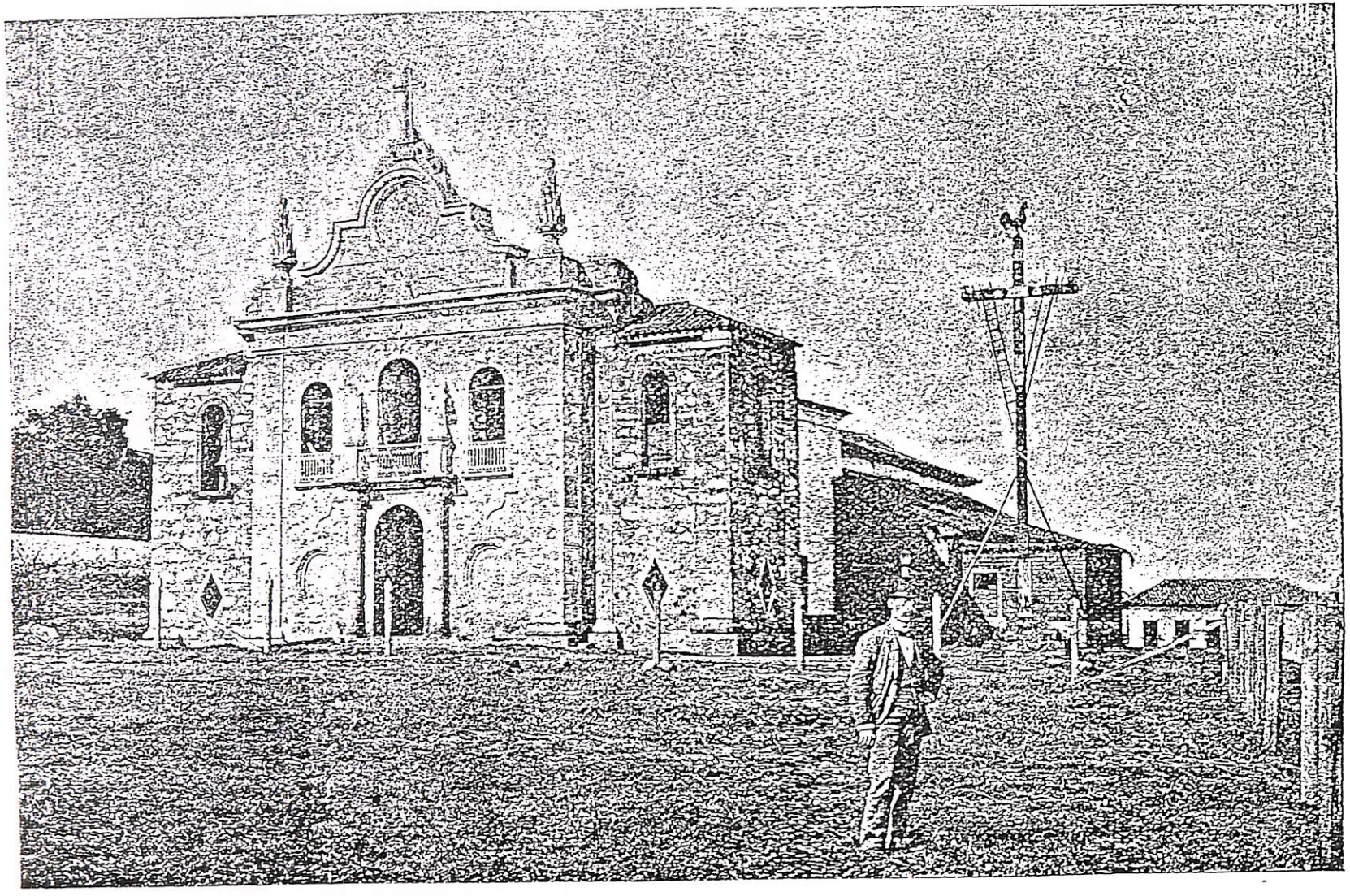
Fonte Duque de Saxe



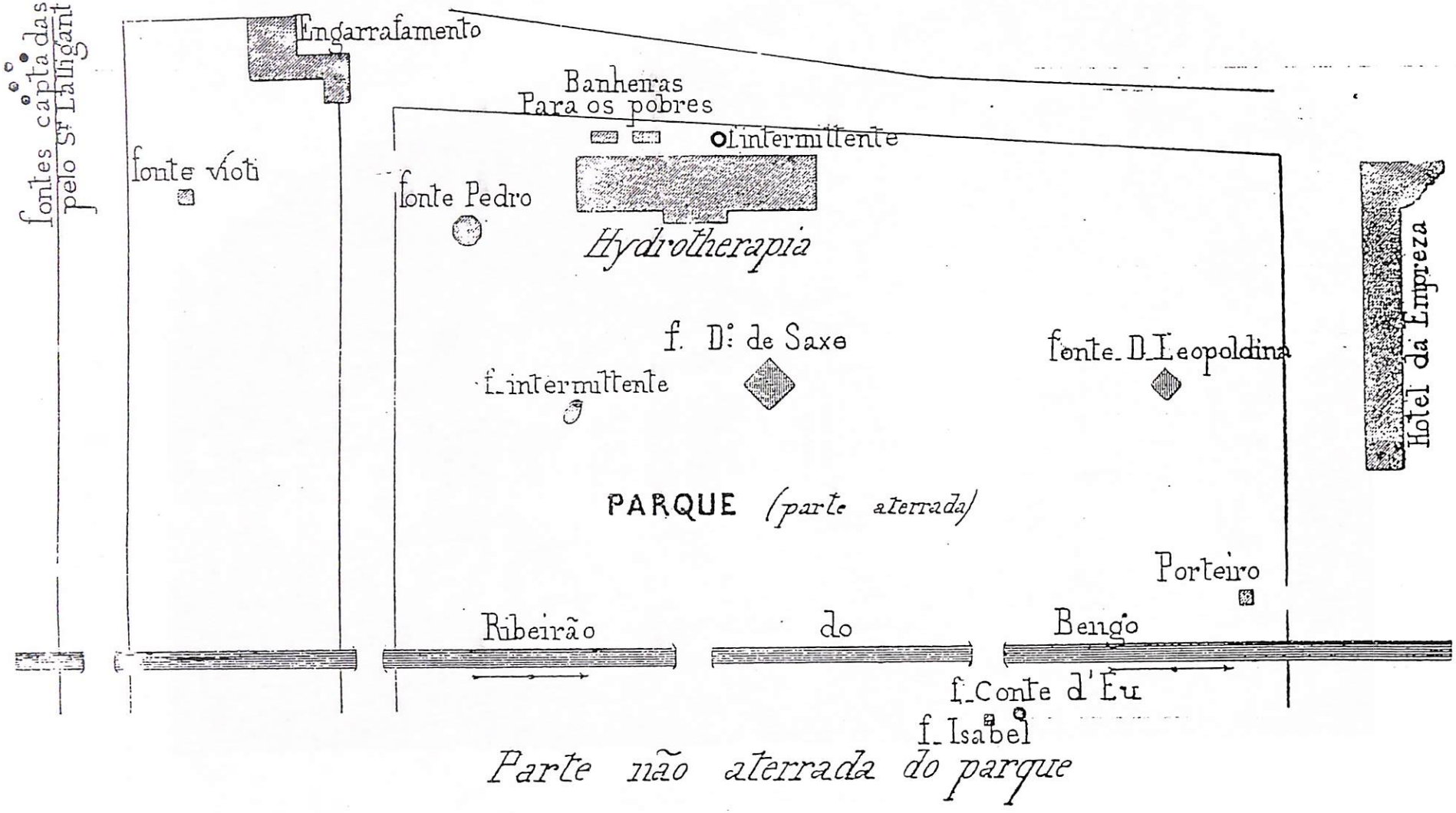
O estabelecimento hydrotherapico



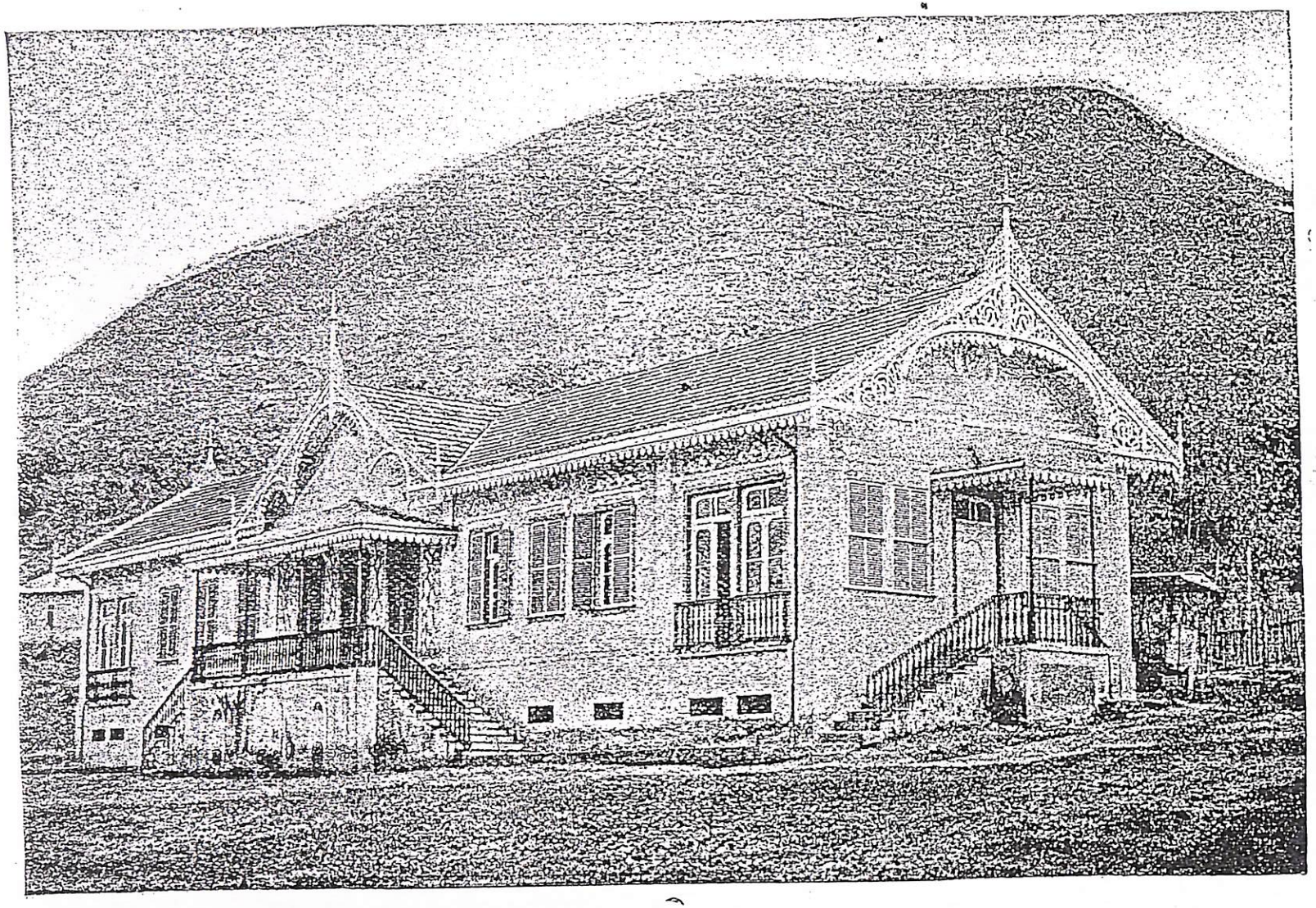
Os primeiros Chalets (1868)



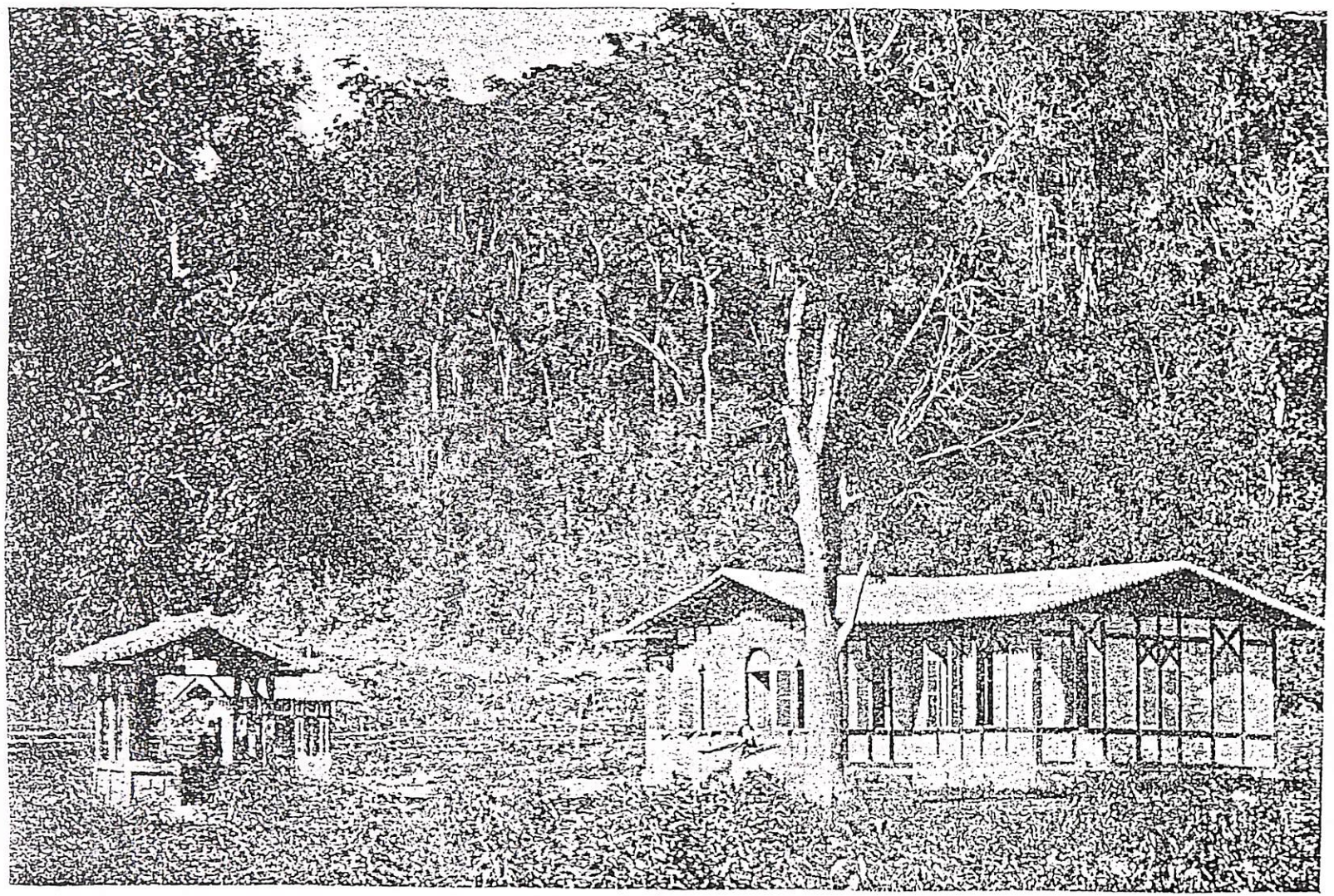
Matriz de Baependy



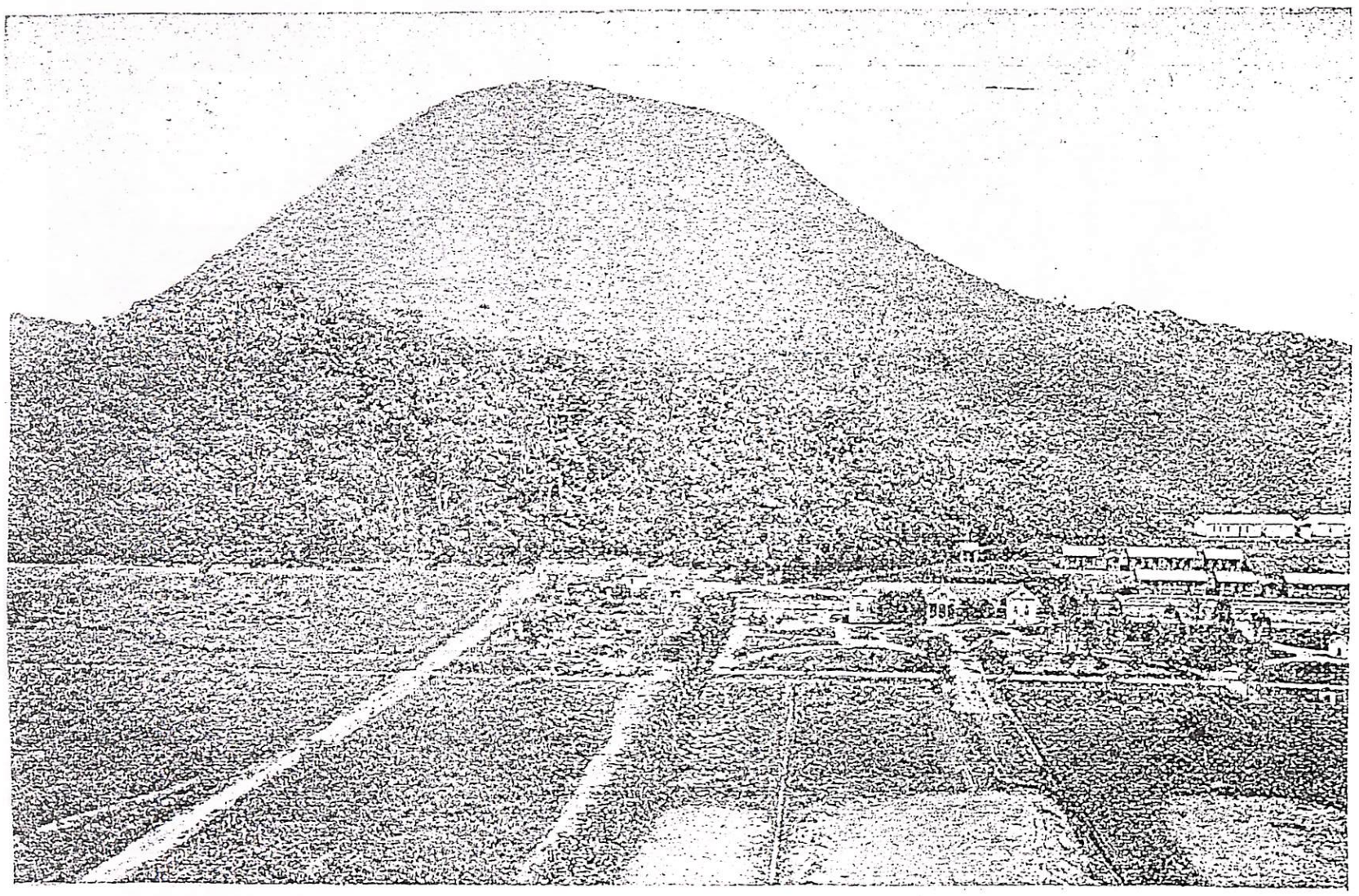
Planta do parque



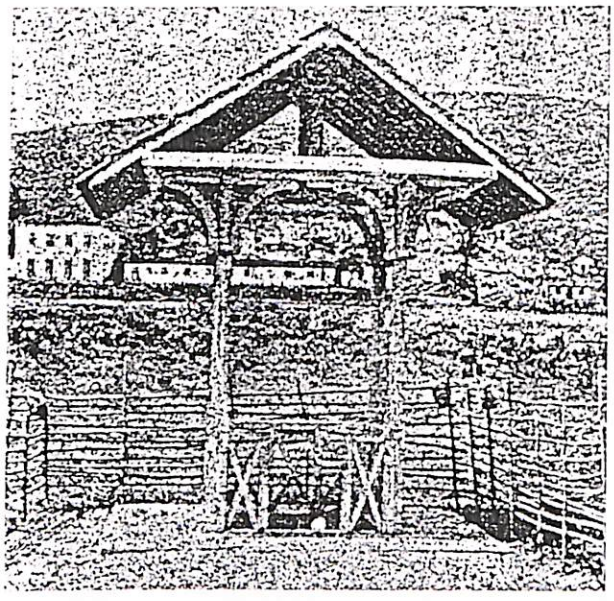
Restaurant da Empreza



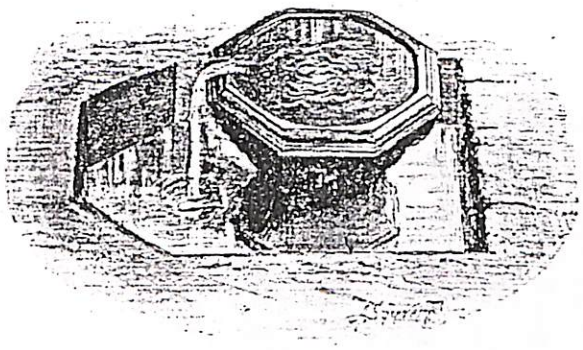
O estabelecimento de banhos em 1868



O morro, o bosque e o parque

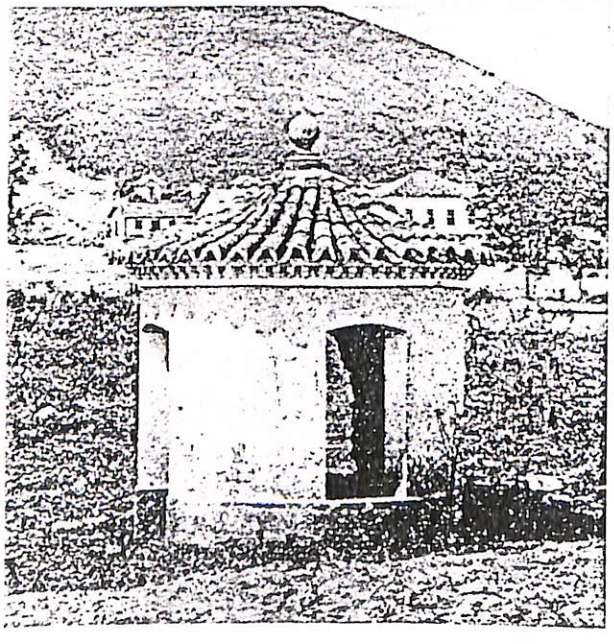


Chalet da Fonte D. Isabel

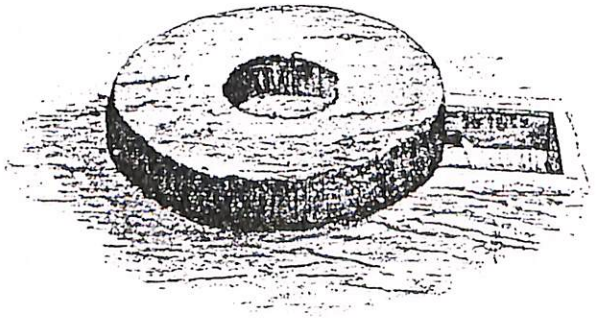


Fonte D. Isabel

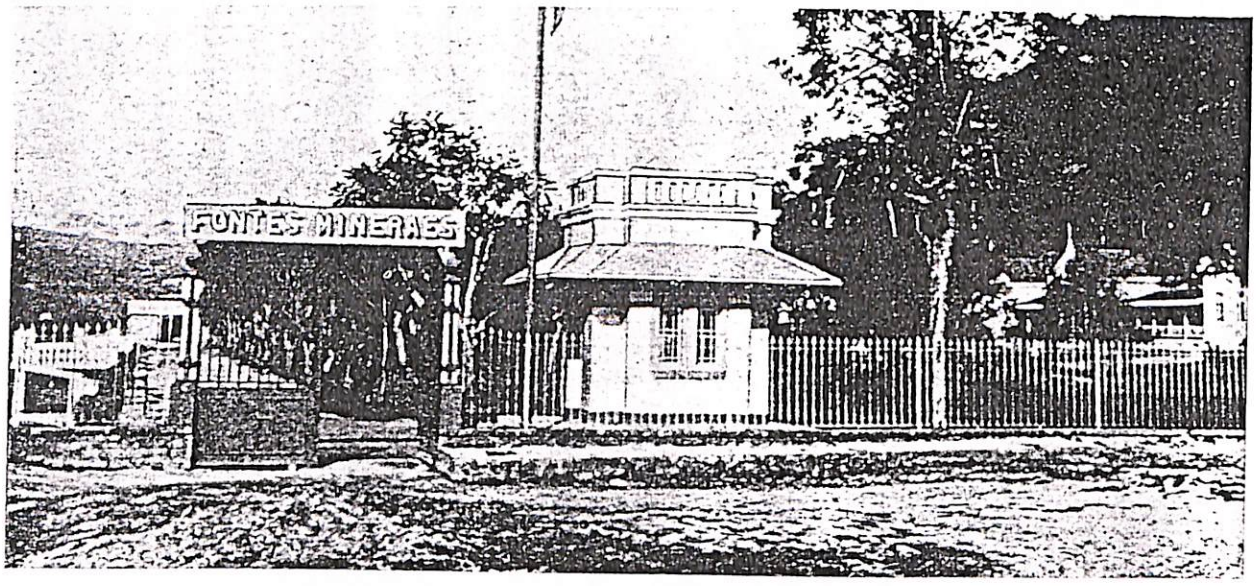
A fonte **Conde d'Eu**, dentro de um quiosque em forma de torre baixa, de tijolos, a água corre, por uma bica, de uma massa enorme de alvenaria, de forma circular, sem elegância nenhuma.



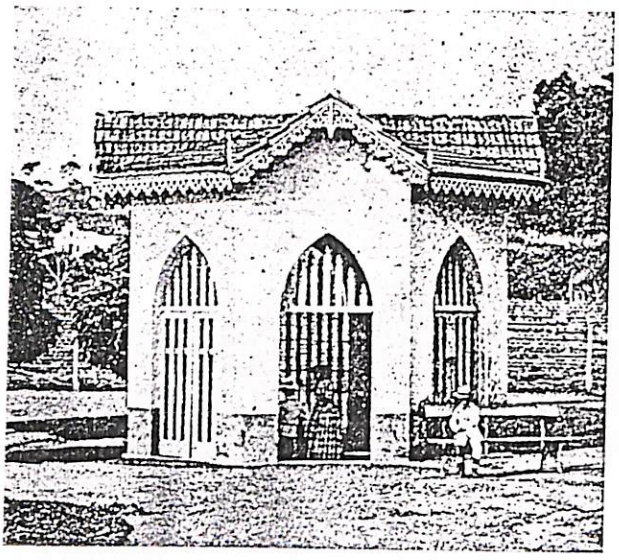
Chalet da Fonte Conde D'Eu



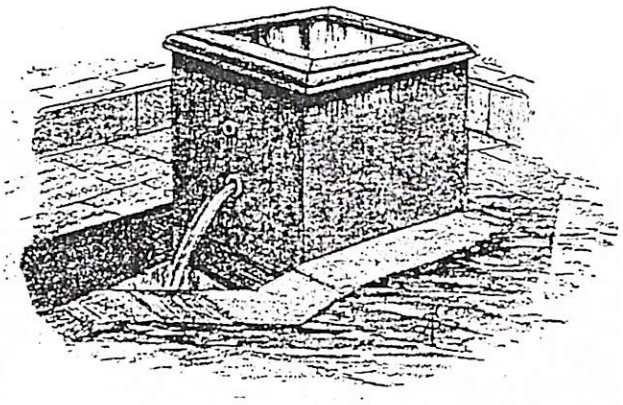
Fonte Conde D'Eu



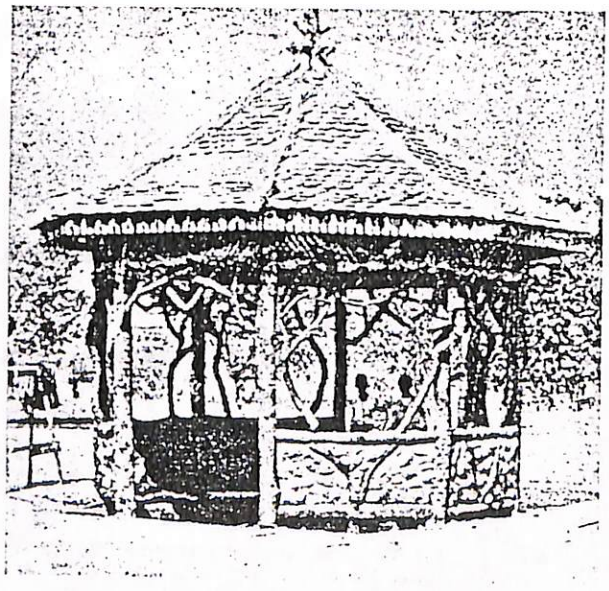
A Entrada do Parque das Águas em 1894



Chalet da Fonte D. Pedro

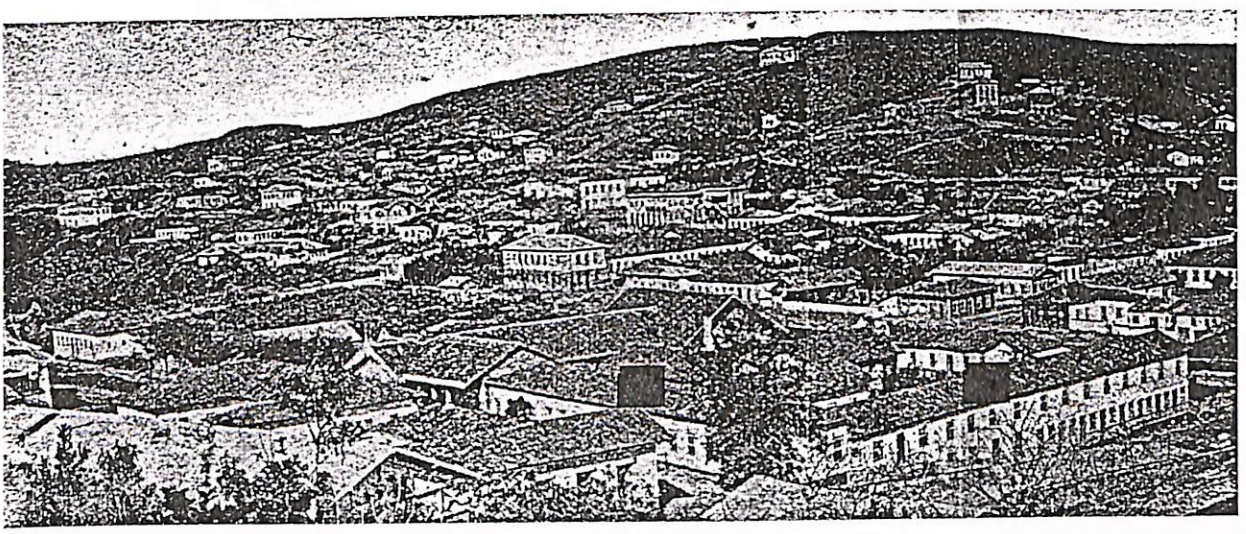


Fonte D. Pedro

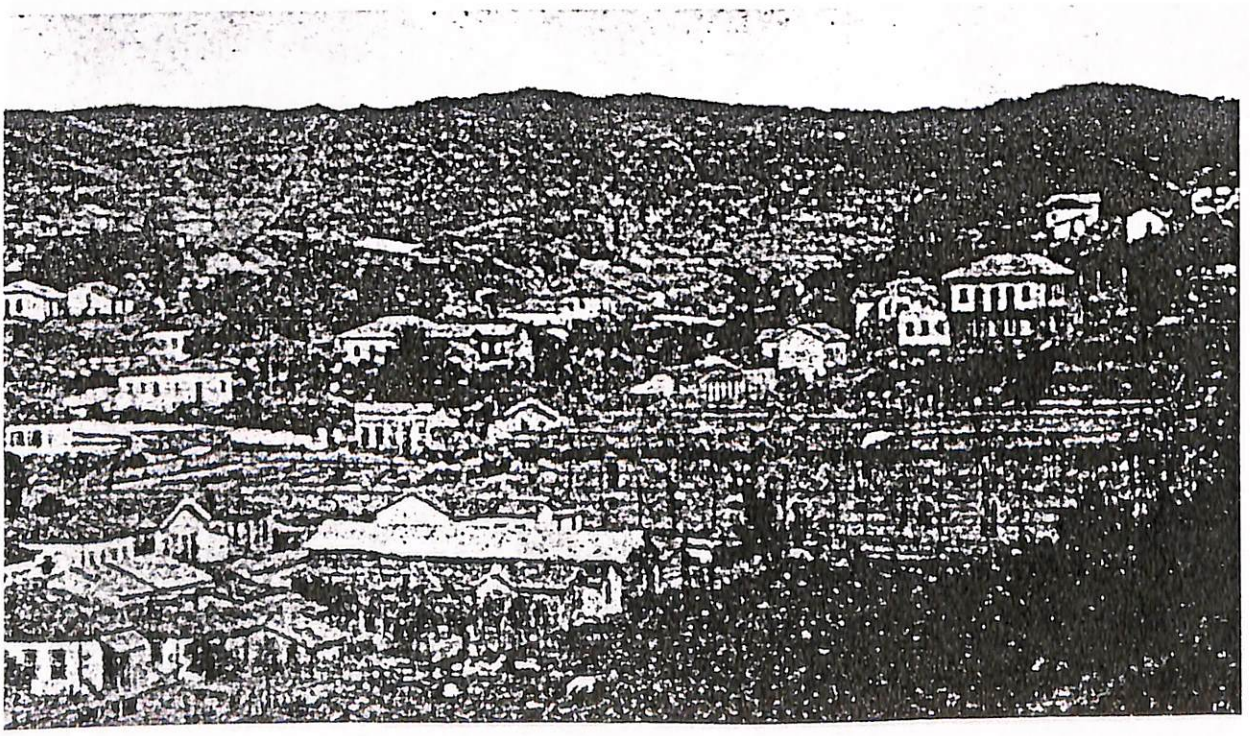


Chalet da Fonte Duque de Saxe

CAXAMBU EM 1891

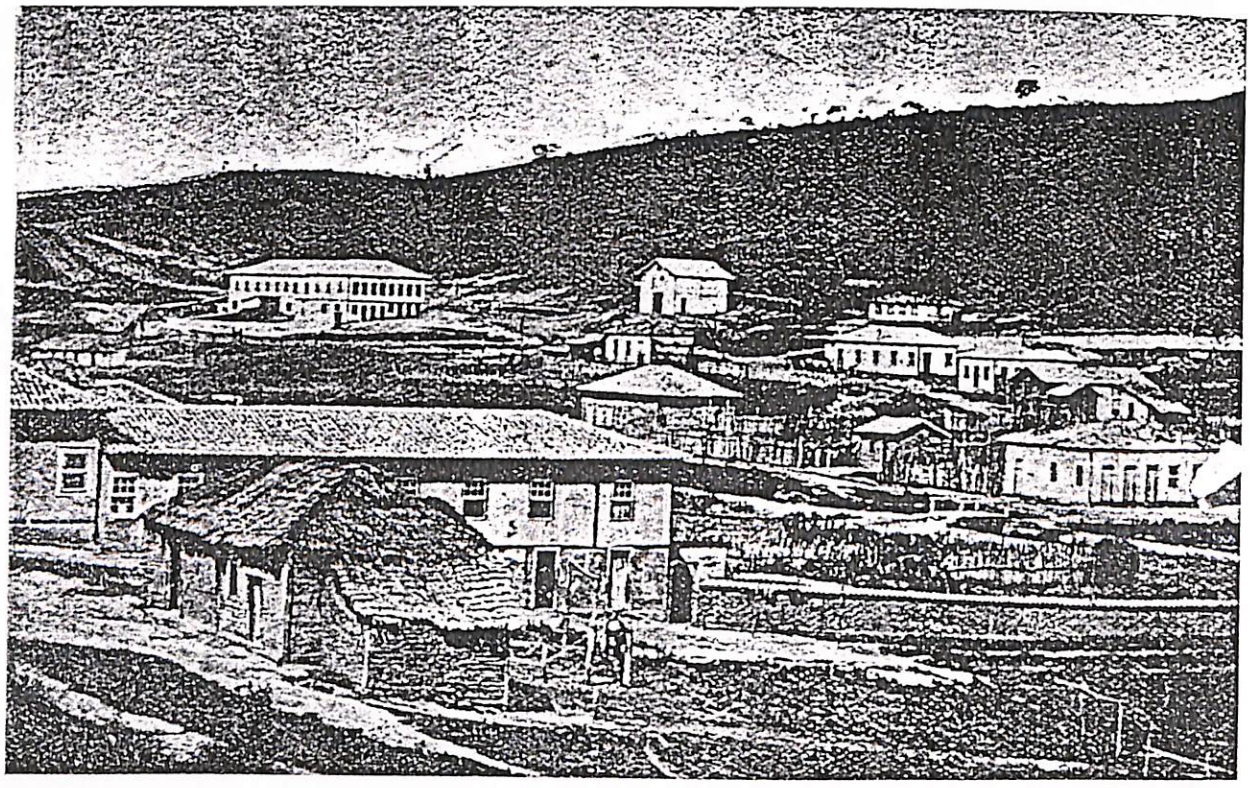


1. Hotel João Carlos 2. Hotel da 1ª Empreza

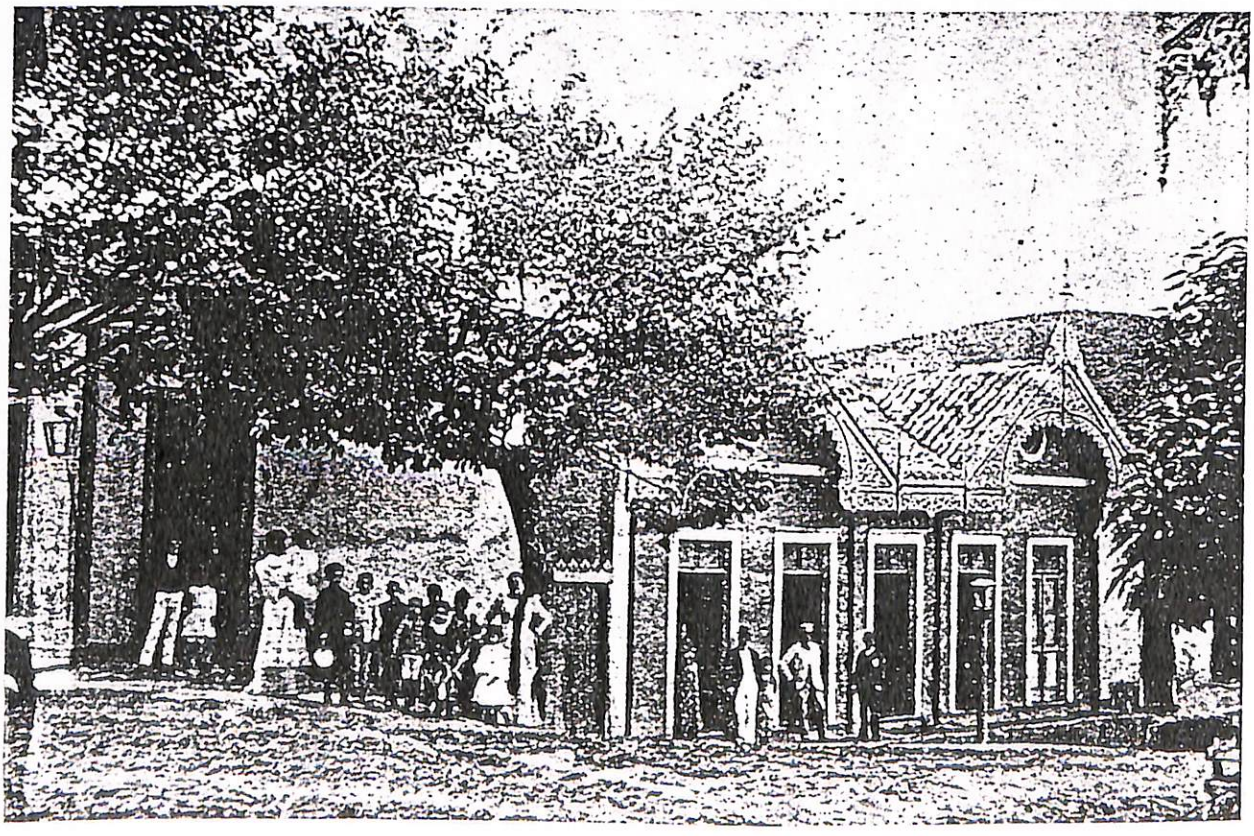


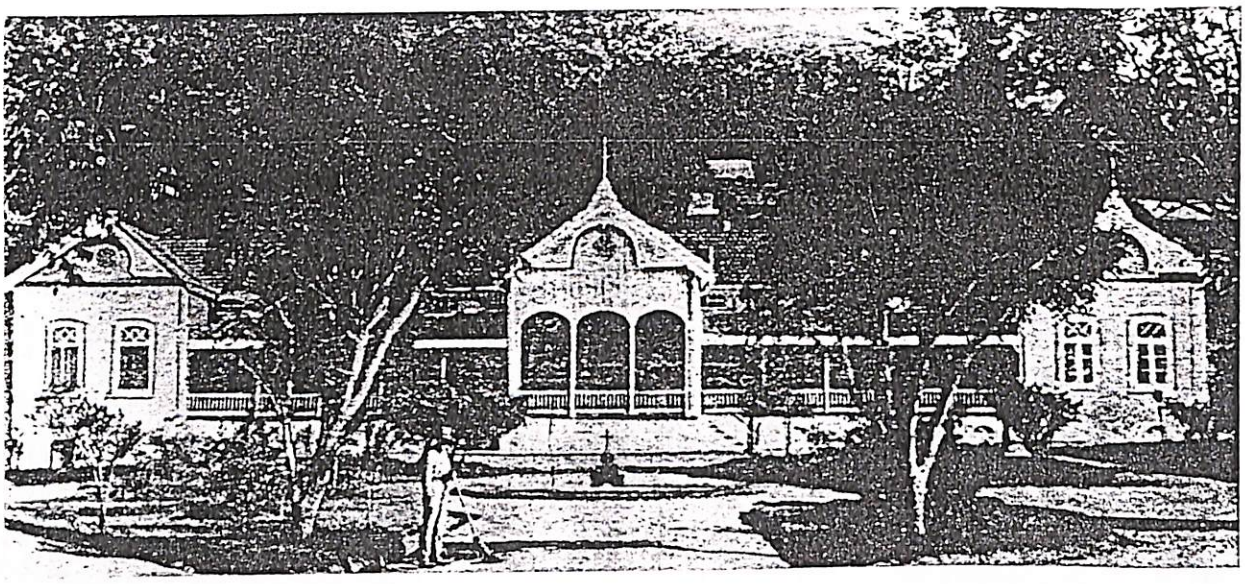
Construção do Grande Hotel e Cassino João Carlos

CAXAMBU EM 1891

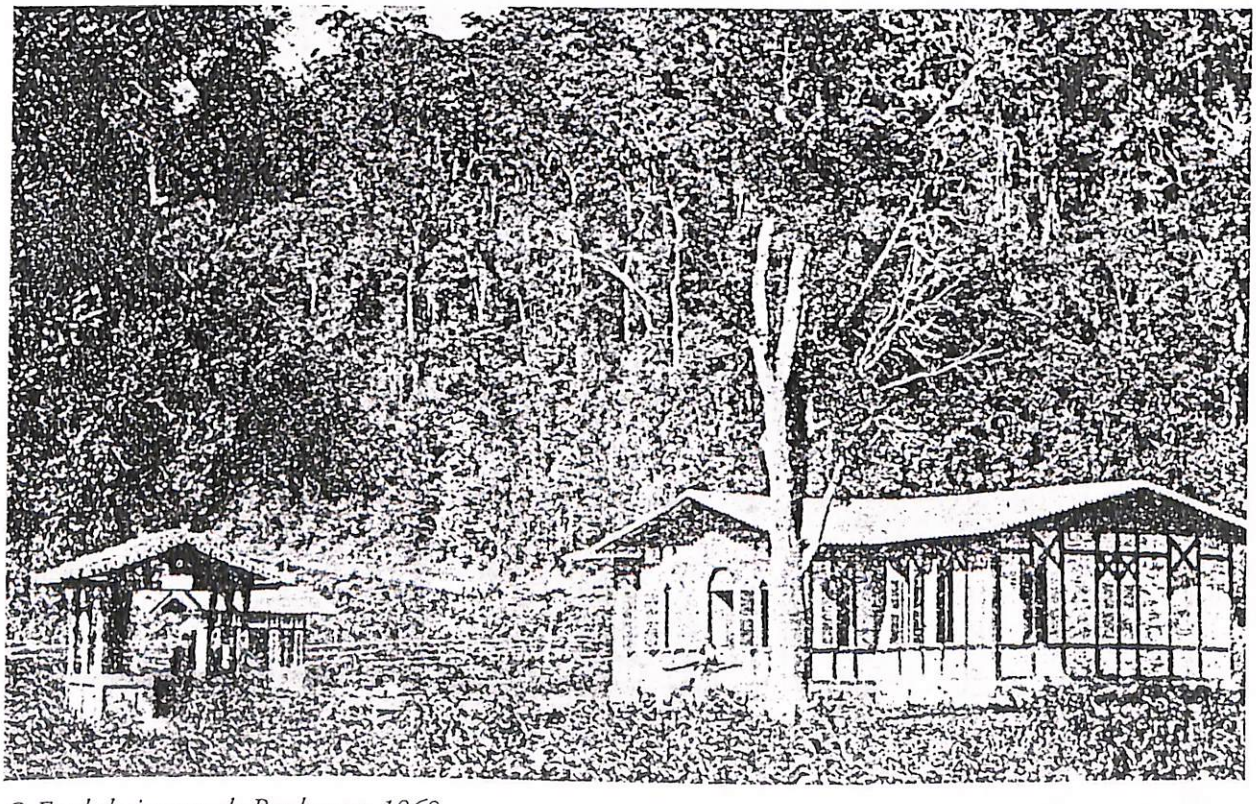


Litogravuras de Caxambu em 1868 (antes do progresso com João Carlos)





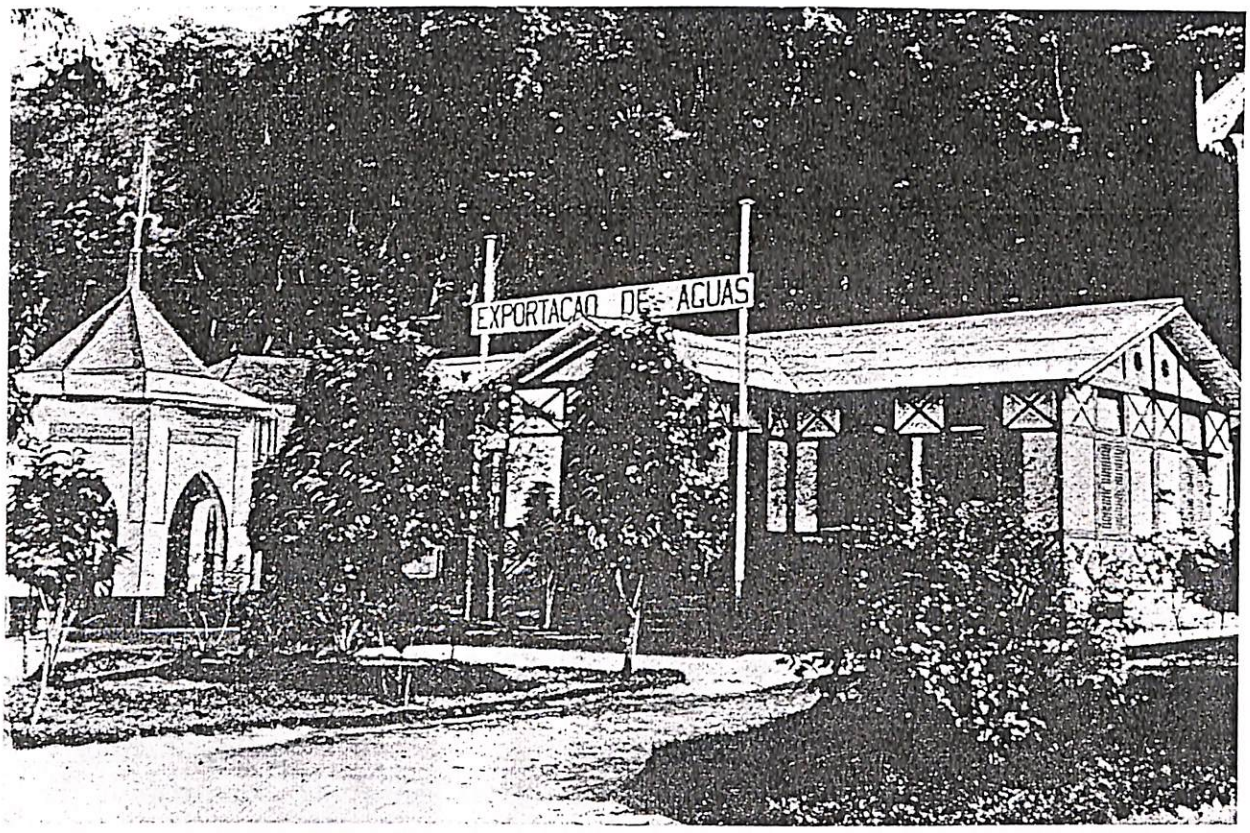
O Estabelecimento Hidroterápico em 1893



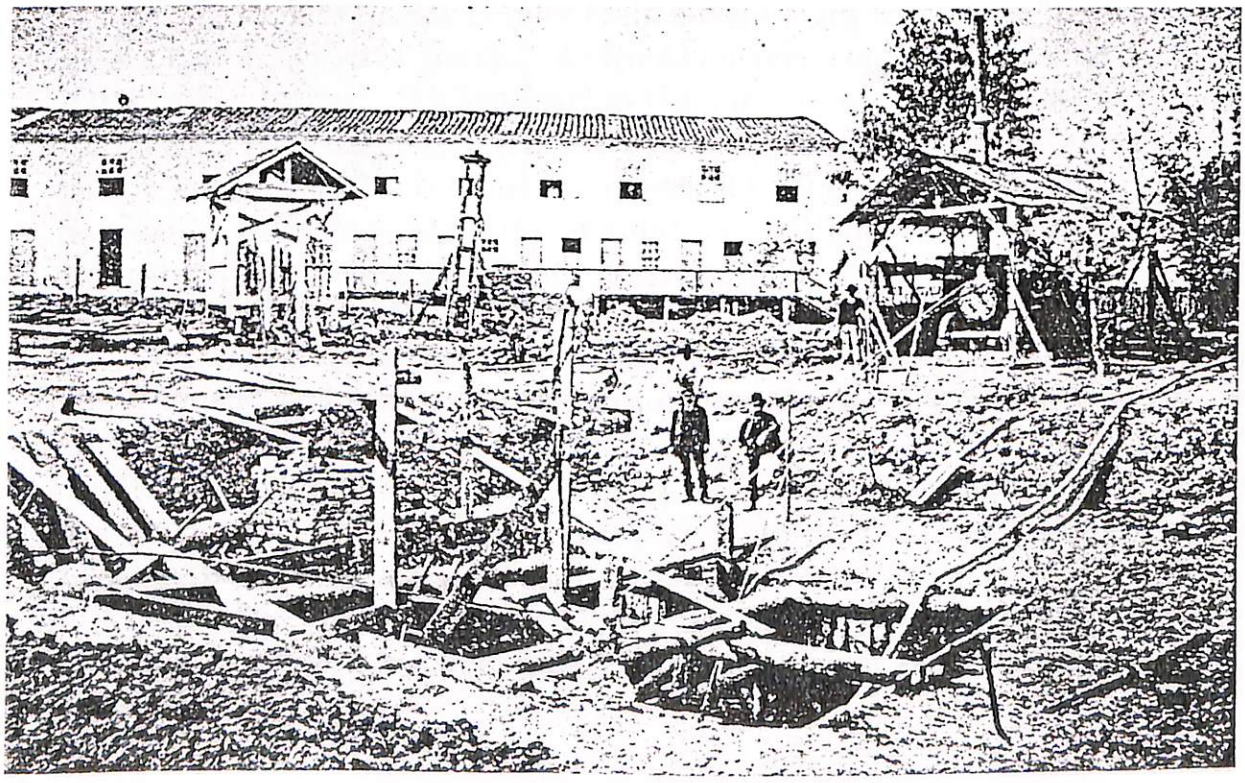
O Estabelecimento de Banhos em 1868



Na Fonte de Duque de Saxe em 1900, o casal Izaura e Alfredo Moraes com seu filho Ernani. Eles eram tios e padrinhos de Aïda de Lemos



O Engarrafamento de Águas



A captação da Fonte Duque de Saxe

Geraldo Santos Pereira

CURRÍCULO RESUMIDO

Geraldo Santos Pereira nasceu em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, estudou em Pouso Alegre, Campinas e Carangola, exerceu o jornalismo em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, fundou o Clube de Cinema de Minas Gerais, a Sociedade "Claude Debussy", inaugurada com visita de Heitor Villa-Lobos, formou-se em Direito e, em 1949, com bolsa de estudos do governo francês, cursou o "Institut des Hautes Études Cinématographiques" e Literatura Contemporênea, na Sorbonne, de Paris.

Juntamente com o irmão gêmeo Renato Santos Pereira, trabalhou como Assistente de Direção na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, e, com o fechamento da empresa, na redação da "Folha da Noite", de São Paulo.

Com a eleição de Juscelino Kubitschek, exerceu atividades no Ministério da Educação e Cultura como membro e secretário-geral da Comissão Federal de Cinema e Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfico.

Realizou 14 filmes documentários e de curta-metragem, varios deles para o Instituto Nacional de Cinema Educativo com supervisão técnica de Humberto Mauro.

Com Renato Santos Pereira realizou os longas metragens "Rebelião em Vila Rica" e "Grande Sertão" e, isoladamente, com Produção de Renato, "Balada dos Infiéis", "O Seminarista (Melhor Filme Nacional de 1977 pela Associação Paulista de Críticos de Arte) e"O Sol dos Amantes". Produziu e dirigiu em 1999-2000, o longa-metragem "O Aleijadinho - Paixão, Glória e Suplício", que conquistou o prêmio de Melhor Ator para Maurício Gonçalves, no Festival do Recife de 2001, filme dedicado a Renato Santos Pereira, falecido em abril de 1999.

Geraldo Santos Pereira lecionou cinema na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, escreveu os livros "Plano Geral do Cinema Brasileiro", "O Sol dos Amantes" e "Ciranda Barroca", foi diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica e da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos, e participou do 1°. 2° e 3° Congresso do Cinema Brasisleiro.

Em 1959 conquistou o 1° Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", promovido pelo jornal "O Globo". Em 1976 foi um dos seis

premiados no Concurso de Roteiros Originais, realizado pela Embrafilme, com "O Cangaceiro e o Samurai".

Em 1982 recebeu a Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

É autor da peça teatral "Ver ou Não Ver", encenada no mês de setembro de 2001, no Teatro Alterosa, de Belo Horizonte.

Enquanto coordena o lançamento nacional de "O Aleijadinho", Geraldo Santos Pereira desenvolve e prepara, atualmente, os projetos dos longas metragens "Os Amores de Francisca", nova abordagem da história mitológica de Chica da Silva; "Um Filho Para a Princesa", enfocando episódio da vida da Princesa Isabel, e "Ciranda Barroca", projeto aprovado pelo Ministério da Cultura e Comissão de Valores Mobiliários, em fase de captação de recursos pela Lei do Audiovisual.

Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
MINISTÉRIO DA CULTURA

Escritório de Direitos Autorais

Certificado de Registro ou Averbação

Nº Registro : 234.898 Livro : 415 Folha : 58

FONTE DE VIDA
Cinema/TV

Protocolo do Requerimento : 2001RJ_7813.
11 página(s)
Obra não publicada.

OBS.: Este Certificado garante a forma de expressão literária (o texto) do trabalho registrado. As idéias são consideradas pelas legislações nacional e internacional como patrimônio universal, não sendo, portanto, protegíveis pela Lei do Direito Autoral em vigor.

Dados do requerente

JOSÉ GERALDO SANTOS PEREIRA, Geraldo Santos Pereira (Autoria)
C.I.C. - 023.578.107-00
Rua Pompéia, 39/01
Prado
Belo Horizonte / MG, CEP. 30410-130

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro em 16 de Julho de 2001, que vai por mim assinado.

p/ Júlio Pimenta

Analisado por Pedro José Guilherme de Aragão
O referido é verdade e dou fé.

Pedro de Aragão

João Willington
Chefe do Escritório de Direitos Autorais

BIBLIOGRAFIA

SIMONE CAMINHA DE FIGUEIREDO - "CAXAMBU, CIDADE DAS ÁGUAS';

OLIVEIRA LIMA - "O IMPÉRIO BRASILEIRO'";

JOÃO RIBEIRO - "HISTÓRIA DO BRASIL";

GILBERTO FREYRE - "ORDEM E PROGRESSO";

R. MAGALHÃES JUNIOR - "D. PEDRO II E A CONDESSA DE BARRAL";

LUIZ EDMUNDO: "RECORDAÇÕES DO RIO ANTIGO";

LEOPOLDO BIBIANO XAVER: "REVIVENDO O BRASIL-IMPÉRIO"

PEDRO CALMON : "PRINCESA ISABEL, A REDENTORA"